

SAMUEL BENCHIMOL
Professor da Universidade do Amazonas
Conselheiro do Instituto Superior de Estudos da Amazônia

AMAZÔNIA:

QUADROS ECONÔMICOS DA PRODUÇÃO



EDIÇÃO DO INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS DA AMAZÔNIA - ISEA
MANAUS -- ABRIL -- 1989

HOMENAGENS

Ao ilustre Governador do Estado do Amazonas, Amazonino Armando Mendes, competente e dinâmico líder político, pela sua corajosa atuação a favor do desenvolvimento econômico com preservação ambiental, visando o bem estar do povo brasileiro da Amazônia.

Ao eminente Senador Leopoldo Peres Sobrinho, Presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito da Amazônia do Senado Federal, pela sua intransigente defesa da Amazônia e do povo amazonense.

Ao emérito Deputado Federal José Bernardo Cabral, Relator da Constituinte e Presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados, pela sua dedicação e desempenho no Congresso Nacional, a serviço do povo brasileiro e amazônida.

Ao
Denis, Ilana,
Jose e Rebeca
- meus queri-
dos netinhos

INTRODUÇÃO

Este documentário constitui uma tentativa de atualização dos dados e valores econômicos da produção amazônica, com base nas precárias e, muitas vezes, inseguras estatísticas disponíveis publicadas pelo IBGE.

Procuramos, nesta pesquisa sob a forma de quadros e comentários, demonstrar o crescimento da economia amazônica, compreendendo apenas a Amazônia Clássica dos seis Estados - Pará, Amapá, Roraima, Amazonas, Acre e Rondônia - pois infelizmente os dados do novo Estado de Tocantins, que passou a integrar a Região Norte, e os de Mato Grosso e a parte amazônica do Maranhão (a oeste do Meridiano de 44º) são, ainda, de difícil acesso e obtenção.

No caso de Mato Grosso e Tocantins é muito complexo proceder a desagregação dos valores globais dos antigos Estados de Mato Grosso e Goiás, e a parte do Maranhão amazônico também não figura discriminadamente nas estatísticas oficiais. Por este motivo é que nos limitamos a apresentação dos dados da Amazônia Clássica dos seis Estados, acima mencionados, na ausência de séries históricas bastante amplas, que permitissem uma comparação e avaliação dos setores produtivos desses outros Estados pertencentes à Amazônia Legal.

Outrossim, este estudo da produção, com as observações do autor no rodapé de cada quadro estatístico, é resultado de uma estafante e cansativa pesquisa de um ano, que agora, parcialmente, se apresenta como matéria prima e ganga bruta, sob forte tensão e com grande urgência, com objetivo de documentar a nova realidade econômica da Amazônia, para fins de debate e discussão na Câmara dos Deputados e no Senado Federal.

Na Câmara dos Deputados - Comissão de Relações Exteriores - sob a presidência do ilustre Deputado Bernardo Cabral, irei participar como conferencista do Seminário Parlamentar sobre a

problemática da Amazônia, no próximo dia 5 de abril de 1989.

No Senado Federal, convocado que fui pela Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Amazônia, sob a presidência do ilustre Senador Leopoldo Peres Sobrinho, tendo como relator o digno Senador Jarbas Passarinho, deverei prestar o meu depoimento no próximo dia 15 de abril corrente.

Em ambos os casos, esta exaustiva e cansativa pesquisa servirá de base para a minha conferência e depoimento perante às duas casas do Congresso Nacional, e espero que sirva de ajuda, por modesta que seja, para a compreensão da nova Amazônia, que está sendo construída com o esforço dos amazônidas e de tantos outros brasileiros, que aqui se radicaram.

Desejo salientar, todavia, que a leitura deste trabalho deve ser feita dentro do contexto do meu novo livro "Amazônia: Planarização e Moratória Ecológica" e, portanto, não deve ser tomado separadamente, ou retirado do seu contexto ilações que possam descaracterizar o pensamento original do autor com relação aos problemas amazônicos.

É que a valorização da Amazônia tem muitos aspectos que transcendem a avaliação do seu potencial econômico ou o desempenho de suas forças produtivas no campo agrícola, pecuário, pesqueiro, florestal, mineral hidrelétrico - inter-alia. Esses valores econômicos devem e precisam incluir sistemas de produção auto-sustentados, conservacionistas e preservacionistas, pois existem e necessitam ser integrados a outros valores e níveis de grandeza: como os biológicos, ecológicos, ambientais, sociais, políticos e humanos. Daí a razão da minha contínua pregação e afirmação, em todos os Congressos e Seminários que tenho participado, de que o projeto amazônico deve obedecer os seguintes paradigmas. Isto é, deve ser:

- economicamente viável
- ecologicamente adequado
- politicamente equilibrado
- socialmente justo

Manaus, abril de 1989

Índice

1. Modelo conceitual oikopolítico
2. Geo-hidrografia da Amazônia Legal
3. Inventário geo-botânico da Amazônia
4. Evolução demográfica - 1872 a 2000
 - 4.1 - População nos municípios das capitais - 1872 a 2000
 - 4.2 - População urbana e rural da Amazônia - 1940 a 2000
5. Estrutura da exploração agro-pecuária - pirâmide fundiária - 1985
 - 5.1 - Evolução do número de estabelecimentos rurais - 1970/1985
 - 5.2 - Evolução das áreas das lavouras - 1970/1985
 - 5.3 - Culturas permanentes e temporárias - 1985
6. Tabela de conversão cruzados novos para US dólar - 1980/1988
7. Produção extrativa vegetal da Amazônia - 1986
 - 7.1 - Produção extrativa florestal da Amazônia - 1976/1986
8. Produção agrícola da Amazônia - 1986.
 - 8.1 - Produção de café - área, quantidade, valor - 1976/1986
 - 8.2 - Produção de cacau - área, quantidade, valor - 1976/1986
 - 8.3 - Produção agrícola de Rondônia - área, produção, rendimento - 1987
 - 8.4 - Produção agrícola de Rondônia - principais culturas - 1987/1988
 - 8.5 - Produção agrícola do Amazonas - principais culturas - 1970/1987
 - 8.6 - Produtividade de algumas culturas agrícolas no Estado do Amazonas
9. Pecuária bovina na Amazônia - efetivo e valor - 1970/1976/1986
 - 9.1 - Pecuária bovina - efetivo - 1970/1980/1985
 - 9.2 - Pecuária bubalina - efetivo e valor - 1973/1976/1986
 - 9.3 - Pecuária bubalina - efetivo - 1974/1980/1984
10. Pecuária e criatório - bovinos, suínos, aves - Pará - 1985
 - 10.1 - Pecuária e criatório por município - Roraima - 1985
 - 10.2 - Pecuária e criatório por município - Rondônia - 1985
 - 10.3 - Pecuária e criatório por município - Amazonas - 1985
 - 10.4 - Pecuária e criatório por município - Acre - 1985
 - 10.5 - Pecuária e criatório por município - Amapá - 1985
11. Produção de leite - 1976/1986

12. Avicultura - efetivo e valor - 1969/1980/1986
 - 12.1 - Efetivo avícola - 1970/1980/1985
 - 12.2 - Produção de ovos de galinha - 1969/1980/1985
13. Produção de peixes e crustáceos na Amazônia - 1983/1984/1985
 - 13.1 - Produção de pescado - quantidade e valor - 1975/1986
14. Produção extrativa mineral na Amazônia - quantidade e valor - 1986
15. Produção indústrias de transformação - mão-de-obra - valor produção - 1984
16. Capacidade geradora das usinas de energia elétrica - 1975/1987
 - 16.1 - Consumo de energia elétrica - 1985/1987
17. Comércio exterior da Amazônia
 - 17.1 - Exportação - valores em US dólares - 1977/1987
 - 17.2 - Importação - valores em US dólares - 1985/1986/1987
18. Arrecadação de tributos federais na Amazônia - 2ª Região Fiscal - 1987/1988
19. Despesa do Tesouro na Amazônia - 2ª Região Fiscal - 1985/1986/1987
20. Arrecadação da Previdência Social (IAPAS) na Amazônia - Região Norte - 1985/1989
 - 20.1 - Arrecadação da Previdência Social por Estado - número de segurados - 1988
 - 20.2 - Arrecadação da Previdência Social por Estados da Amazônia - 1988
21. Finsocial - arrecadação e faturamento dos polos fiscais - 1988
22. Arrecadação do ICM na Amazônia Clássica - série histórica - 1980/1988
23. Zona Franca de Manaus - projetos aprovados por sub-setor, localização e mão-de-obra - 1988
 - 23.1 - Principais produtos fabricados na Zona Franca de Manaus - 1985/1988
 - 23.2 - Faturamento industrial da ZFM por sub-setores - 1985/1988
24. Sudam - destinação dos investimentos dos projetos aprovados até dez/1985
 - 24.1 - Composição dos investimentos do Finam e outros recursos por unidade federada até dezembro/1985
 - 24.2 - Empregos gerados pelos projetos da Sudam por setor e unidade federada até dezembro/1985

MODELO CONCEPTUAL OIKOPOLITICO

SAMUEL BENCHIMOL

<u>INTERCIÊNCIAS</u>	<u>OBJETIVO</u>	<u>FINALIDADE</u>	<u>UNIDADE</u>	<u>CONSCIÊNCIA</u>	<u>MOTIVAÇÃO</u>	<u>PROCESSO</u>	<u>TEMPORALIDADE</u>
ECOLOGIA	Ambiente	Biota	Ecossistema	Cósmica	Natureza	Mutualismo	Longo Prazo
ECONOMIA	Produção	Mercado	Empresa	Individual	Interesse	Rendimento	Curto/Médio Prazo
POLÍTICA	Poder	Cidadania	Partidos	Nacional	Serviço	Bem-Comum	Momentum
SOCIOLOGIA	Sociedade	Relações Interpessoais/ grupais	Grupo Social	Social	Solidariedade	Integração	Evolução
GEOGRAFIA	Espaço	Habitat	Região	Comunitária	Organização	Interação	Dinâmica

Quadro 4a.

GEO-HIDROGRAFIA DA AMAZÔNIA LEGAL

Estados e Territórios	Total	Área das Bacias Hidrográficas (km ²)					
		Amazônica	Tocantins Araguaia	Nordeste	S. Francisco	Paraguaí	Paraná
PARÁ	1.248.042	1.049.002	166.893	32.147	-	-	-
AMAPÁ	140.276	140.276	-	-	-	-	-
MARANHÃO	328.663	-	30.485	298.178	-	-	-
AMAZONAS	1.564.445	1.564.445	-	-	-	-	-
REGIÃO A SER DEMARCADA AM/PA	2.680	2.680	-	-	-	-	-
RORAIMA	230.104	230.104	-	-	-	-	-
ACRE	152.589	152.589	-	-	-	-	-
RONDÔNIA	243.044	243.044	-	-	-	-	-
MATO GROSSO	881.001	602.327	110.140	-	-	168.534	-
GOIÁS : TOCANTINS	642.092	-	494.675	-	2.779	-	144.638
TOTAIS	5.432.936	3.984.467	802.193	330.325	2.779	168.534	144.638

Fonte: Departamento de Estudos Geográficos do IBGE.

Obs: A área abrangida pela Amazônia Legal (SUDAM) é de 4.978.247 km². O quadro acima inclui a totalidade dos territórios dos Estados do Maranhão e de Goiás, cuja área abrangida pela Amazônia Legal é de 79,31% e 44,51%, respectivamente. No caso do Amapá o estudo do IBGE incluiu a totalidade de seu território na bacia hidrográfica amazônica, não discriminando as áreas das bacias dos rios Olapoque, Uaçá, Caciporé, Cunani, Calçoene, Amapá Grande, Araguari e outros que desembocam diretamente na costa atlântica, acima do delta-estuário, e que a rigor não pertencem à bacia hidrográfica amazônica. O mesmo deve ter ocorrido com as bacias hidrográficas do Nordeste Paraense, a oeste do rio Gurupi.

Quadro 4

INVENTÁRIO GEO-BOTÂNICO DA AMAZÔNIA LEGAL

KM2

Estados Territórios	Área Terrestre km2.	Floresta Úmida e Super-Úmida Amazônica					Sub-Tro- pical Floresta Úmida Extra Amazônica	Floresta Sub-úmida do Interior	Cerrado e Cerradão	Complexo do Pantanal	Complexo do Cachimbo	Campos	Campo Inundável	Vegetação Litorânea (mangues, chícaras, res- tingas e praias)
		Total	Super-úmida do Alto Amazônicas	Terra Firme	Igapô	Várzea								
PARÁ	1.227.530	1.156.648	-	1.081.868	38.456	36.324	-	-	-	-	12.132	33.333	14.559	10.858
APRÁ	139.068	110.567	-	108.466	2.101	-	11.076	-	-	-	-	9.739	-	7.686
MARANHÃO	324.616	99.907	-	99.907	-	-	-	-	183.788	-	-	-	25.653	15.268
AMAZONAS	1.558.987	1.532.939	364.408	898.824	23.044	246.663	-	-	-	-	-	26.048	-	-
FORALMA	230.104	172.924	-	166.340	-	6.584	-	-	-	-	-	57.180	-	-
ACRE	152.589	152.006	-	134.650	-	17.356	-	-	-	-	-	583	-	-
RONDÔNIA	243.044	207.986	-	191.514	-	16.472	-	-	20.701	-	-	14.357	-	-
MATO GROSSO	881.001	504.667	-	504.667	-	-	-	1.321	294.189	72.987	1.219	6.618	-	-
GOIÁS	642.036	31.916	-	31.916	-	-	-	68.573	531.172	-	-	10.375	-	-
TOTALS	5.398.975	3.969.560	364.408	3.218.152	63.601	323.399	11.076	69.894	1.029.850	72.987	13.351	158.233	40.212	33.812

Fonte: Departamento de Estatística Geográficas do IBGE.

Obs: Os dados dos Estados de Goiás e Maranhão referem-se à totalidade dos seus territórios, inclusive a parte não pertencente à Amazônia Legal, ao sul do paralelo 13º e à leste do meridiano de 44º, respectivamente.

EVOLUCAO DEMOGRAFICA

População segundo os censos
1872/1980 e a estimada para 1985/2000

Estados e Territórios	Área Km2	1872	1890	1900	1920	1940	1950	1960	1970	1980	1985	1990	2000
PARÁ	1.227.838	275.237	328.455	445.356	983.507	944.644	1.123.273	1.529.293	2.167.010	3.460.700	4.310.400	5.001.000	6.425.700
AMAZONAS	1.358.987	57.610	147.915	249.756	363.166	430.000	514.899	700.459	955.235	1.457.500	1.739.600	2.001.000	2.545.100
REGIÃO A SER DEMARCADA AM/PA	2.400	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RONDÔNIA	243.044	-	-	-	-	-	36.935	69.792	111.064	300.500	900.900	1.095.000	1.499.000
ACRE	152.509	-	-	-	92.379	79.760	114.755	150.104	215.299	307.100	366.100	417.200	523.200
RORAIMA	139.060	-	-	-	-	-	37.477	67.750	114.359	170.600	217.000	256.100	337.300
BOQUIÁ	230.104	-	-	-	-	-	10.114	20.304	40.003	00.700	102.500	120.400	150.000
TOTAL AMAZONIA (Região Norte)	3.501.100	332.847	476.370	695.112	1.439.052	1.462.420	1.844.655	2.561.702	3.603.060	5.993.100	7.652.500	8.092.900	11.409.700
MATO GROSSO	801.001	-	-	-	-	-	-	-	601.042	1.160.500	1.406.100	1.727.100	2.220.400
TOCANTINS	205.793	-	-	-	-	-	-	-	594.022	044.674	973.000	1.003.900	1.301.700
MARANHÃO AMAZÔNICO	257.451	-	-	-	-	-	-	-	2.450.616	3.341.042	3.003.000	4.321.700	5.106.000
TOTAL AMAZONIA LEGAL	4.970.247	332.847	476.370	695.112	1.439.052	1.462.420	1.844.655	2.561.702	7.250.340	11.340.116	13.994.600	16.025.600	20.195.000
TOTAL BRASIL	8.511.965	19.930.470	14.333.915	17.430.434	130.635.605	141.234.315	151.944.397	170.070.457	193.139.037	1119.002.706	1135.564.000	1150.360.000	1179.406.500

Fonte: IBGE: Anuários Estatísticos 1985, para as estimativas da população de 1985/1990/2000, muito embora reconheça que a população do Estado de Rondônia esteja subestimada em função da forte corrente migratória do centro-sul. Rondônia, pelos meus prognósticos, deverá ter a sua população igualada ou superada a do Amazonas na década dos anos 90. A estimativa feita para a parte amazônica de Goiás e Maranhão para os anos de 85/90/2000, foram feitas tomando por base o incremento percentual atribuído a esses Estados como um todo, pelo IBGE, nesse período. Amazônia Legal foi criada pela Lei 1806/1953 e teve sua área ampliada pela Lei Complementar 31/1977 que criou o Estado do Mato Grosso do Sul separado do Estado do Mato Grosso, que passou a integrar, na sua totalidade a área da SUDAM. A área do Goiás Amazônico - agora transformado no Estado do Tocantins, com algum acréscimo territorial ao sul do antigo Paralelo 10 - e a do Maranhão Amazônico compreende a parte desse Estado a oeste do Meridiano 440.

POPULAÇÃO RECENSEADA NOS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS DA AMAZÔNIA,

Censos 1872-1980 - Estimativas 1985-1990-2000

	1890	1900	1920	1940	1950	1960	1970	1980	1985	1990	2000
1) Belém	50.864	96.560	236.402	206.331	254.949	399.222	633.374	933.207	1.207.150	1.397.879	1.794.877
2) Manaus	38.720	50.300	75.704	106.399	139.620	173.703	311.622	633.392	809.914	931.401	1.226.655
3) Porto Velho	-	-	-	-	27.244	50.695	84.048	133.898	202.011	243.504	333.113
4) Macapá	-	-	-	-	20.594	46.777	86.097	137.451	168.839	199.230	262.385
5) Rio Branco	-	-	19.930	16.038	28.246	47.437	83.977	117.103	145.486	165.708	207.798
6) Boa Vista	-	-	-	-	17.247	25.705	36.464	67.047	85.149	99.964	131.653
Total Capitais da Amazônia	188.784	146.860	332.036	320.768	407.900	743.539	11.235.582	2.022.177	2.610.549	3.037.685	3.956.401

Fonte: IBGE - Anuários Estatísticos, 1986. Tabulação feita pelo autor. Estimativas da população 1985 feitas pelo IBGE e as estimativas 1990/2000 calculadas pelo autor, tomando por base as projeções da população por Estados e Territórios para 1990/2000, ceteris paribus, isto é, desde que tudo permaneça constante. No entanto, esses prognósticos do IBGE já devem estar ultrapassados, pois as estimativas dos municípios das capitais acima para o ano 2000 já devem ter sido atingidas pelas capitais da Amazônia, já neste corrente ano de 1988.

ESTRUTURA DEMOGRÁFICA
POPULAÇÃO URBANA E RURAL DA AMAZÔNIA - REGIÃO NORTE

1940 - 1980
2000

ANOS	População Urbana	%	População Rural	%	População Total	Δ % crescim. relação decênio anterior
1920	-	-	-	-	1.439.052	-
1940	405.792	27,7	1.056.628	72,3	1.462.400	1,6
1950	580.867	31,5	1.263.788	68,5	1.844.655	26,1
1960	957.718	37,4	1.604.064	62,6	2.561.782	38,8
1970	1.626.600	45,1	1.977.260	54,9	3.603.860	40,6
1980	3.037.150	51,7	2.843.118	49,3	5.880.268	63,1
1990	5.615.350	65,0	3.023.650	35,0	8.639.000	46,9
2000	9.675.680	80,0	2.418.920	20,0	12.094.600	40,0

Fonte: IBGE, Anuários Estatísticos e Expansão e Concentração Demográfica da Amazônia - 1970/1980, do autor.

Obs: As projeções da população urbana e rural para 1990 e 2000, foram feitas levando em consideração, coeteris paribus, a atual tendência de imigração e urbanização na década dos anos 80, verificada em todas as atuais cidades e capitais da Amazônia. Os dados acima pertenciam à chamada Amazônia Clássica (Região Norte).

O incremento percentual em 1940 foi calculada sobre a base populacional de 1920 (1.439.052 habitantes), em virtude de não ter havido Censo em 1930. Se considerarmos a população da Amazônia Legal, com base na estimativa de 1990, os prognósticos indicam que a área da Sudam deverá abrigar, no final do século, no ano 2000, cerca de 22.000.000 de pessoas, pela minha projeção, e 20.195.800 pelas estimativas do IBGE.

ESTRUTURA DA EXPLORAÇÃO AGRO-PECUÁRIA - 1985

PIRÂMIDE FUNDIÁRIA

Estabelecimentos recenseados (1985) por grupo de área (hectares)

Estados e Territórios	Estabelecimentos recenseados por grupo de hectares						
	Total	Menos de 10	De 10 a menos de 100	De 100 a menos de 1.000	De 1000 a menos de 10000	De 10000 e mais	Sem alocação de área
PARÁ	254.503	83.369	131.651	36.505	2.263	155	560
AMAZONAS	117.114	54.566	52.888	8.798	522	35	305
RONDÔNIA	81.582	22.698	42.771	15.581	445	29	58
ACRE	35.320	2.920	18.106	13.966	300	23	5
RORAIMA	6.424	564	2.349	2.936	557	17	1
AMAPA	4.832	1.395	1.632	1.683	103	19	0
TOTAL AMAZÔNIA	499.775	165.512	249.397	79.469	4.190	278	929
TOTAL BRASIL	5.834.779	3.085.841	2.166.424	518.618	47.190	2.174	13.791

Fonte: IBGE - Anuário Estatístico de 1986.

Pelos dados acima verifica-se que o maior número de estabelecimentos rurais na Amazônia está situado na faixa de 10 a 100 hectares (249.397) seguidos das pequenas unidades de menos de 10 ha (165.512). As grandes propriedades rurais acima de 1.000 a 10.000 ha (4.190) e os grandes latifúndios acima de 10.000 hectares (278 empresas) representavam 4.457 estabelecimentos, que representavam menos de 1% do total de estabelecimentos, no entanto, segundo a área ocupada essas 4.457 unidades detinham 21.445.900 hectares equivalente a 47,7% da área ocupada total das propriedades rurais (44.884.364 ha).

ESTRUTURA DA EXPLORAÇÃO AGRO-PECUÁRIA

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS RURAIS - 1970/1985

Estados e Territórios	1970	1980	1985	1985/1970
PARÁ	141.442	223.762	254.503	80
AMAZONAS	85.251	100.623	117.114	37
RONDÔNIA	7.082	48.371	81.582	1.051
ACRE	23.102	27.371	35.320	52
RORAIMA	1.953	3.742	6.424	229
AMAPÁ	2.315	4.304	4.832	108
TOTAL AMAZÔNIA	261.145	408.173	499.775	91
TOTAL BRASIL	4.924.019	5.159.851	5.834.779	18

Fonte: IBGE, Censo Econômico (Agropecuário) 1985 e Anuário Estatístico 1986.

ESTRUTURA DA EXPLORAÇÃO AGRO-PECUÁRIA

EVOLUÇÃO DA ÁREA DAS LAVOURAS (HECTARES) - 1970/1985

Estados e Territórios	1970	1980	1985	1985/1970
PARÁ	366.958	913.449	1.052.562	186
AMAZONAS	154.703	330.899	296.422	91
RONDÔNIA	44.636	373.431	539.126	1.107
ACRE	35.307	76.608	69.175	96
RORAIMA	5.174	29.371	28.161	444
AMAPÁ	10.353	19.882	34.583	234
TOTAL AMAZÔNIA	617.131	1.743.640	2.020.029	227
TOTAL BRASIL	33.983.800	49.104.263	52.380.368	54

Fonte: IBGE, Censo Econômico (Agropecuário) 1985 e Anuário Estatístico 1986.

ESTRUTURA DA EXPLORAÇÃO AGRO-PECUÁRIA

EVOLUÇÃO DA ÁREA DAS LAVOURAS (CULTURAS) - 1985

Estados e Territórios	Cultura Permanente	Cultura Temporária	Total
PARÁ	288.525	764.037	1.052.562
AMAZONAS	110.791	177.651	296.422
RONDÔNIA	223.800	315.526	539.126
ACRE	16.403	52.771	69.175
RORAIMA	4.699	23.462	28.161
AMAPÁ	17.575	17.008	34.583
TOTAL	669.773	1.350.455	2.020.029

Fonte: IBGE, Censo Econômico (Agropecuário) 1985 e Anuário Estatístico 1986.

Obs: A área das lavouras, com culturas permanentes e temporárias, em 1985, foram, assim, recenseadas nos Estados e Territórios, e tabuladas pelo autor.

TABELA DE CONVERSÃO CRUZADOS NOVOS / US DÓLAR - NCz\$ 1,00/US\$ 1,00

	1988	1987	1986	1985	1984	1983	1982	1981	1980
JANEIRO	0,0834	0,01653	0,01209	0,003585	0,001080	0,00027528	0,00013444	0,00006844	0,00004389
FEVEREIRO	0,0784	0,01979	0,01384	0,003951	0,001213	0,00038144	0,00014115	0,00007187	0,00004531
MARÇO	0,1145	0,02214	0,01384	0,004450	0,001335	0,00041754	0,00014821	0,00007653	0,00004688
ABRIL	0,1374	0,02543	0,01384	0,004980	0,001453	0,00045493	0,00015561	0,00008135	0,00004906
MAIO	0,1626	0,03399	0,01384	0,005480	0,001582	0,00049361	0,00016417	0,00008623	0,00005031
JUNHO	0,1946	0,04337	0,01384	0,005980	0,001720	0,00053089	0,00017319	0,00009148	0,00005231
JULHO	0,2417	0,04682	0,01384	0,006440	0,001905	0,00061192	0,00018271	0,00009680	0,00005700
AGOSTO	0,2924	0,04835	0,01384	0,006970	0,002107	0,000671	0,00019367	0,00010268	0,00005594
SETEMBRO	0,3629	0,05128	0,01384	0,007025	0,002329	0,000738	0,00020723	0,00010864	0,00005759
OUTUBRO	0,4633	0,05589	0,01409	0,008560	0,002622	0,000842	0,00022173	0,00011483	0,00006069
NOVEMBRO	0,5880	0,06306	0,01419	0,009350	0,002881	0,000914	0,00023725	0,00012114	0,00006251
DEZEMBRO	0,7560	0,07171	0,01489	0,010490	0,003184	0,000984	0,00025267	0,00012780	0,00006550
SOMA	3,4963	0,4976	0,16598	0,078061	0,023419	0,00731461	0,00221203	0,00114779	0,00064419
TAXA MEDIA DOLAR	0,2913	0,04146	0,01383	0,006505	0,00195	0,00060955	0,000184335	0,00009564	0,00005368

Fonte: Banco Central.

Obs.: Diagramação, tabulação, mapeamento, e conversão em cruzados novos e dólares feitos pelo autor. A metodologia empregada da conversão cruzados novos para US dólares foi feita tomando por base a média simples anual calculadas pelas cotações mensais da taxa de venda do US dólar no último dia de cada mês. Esse método da variação anual pela média do último dia de cada mês reflete melhor a paridade cambial do ano. O método mais correto seria calcular a média simples anual calculada pela variação diária da taxa cambial, o que seria muito mais trabalhoso, porém mais confiável na medida em que os intervalos de variação foram aumentando como no caso da hiper-inflação de 1988. Não foi computado, no entanto, o efeito da desvalorização do dólar no mercado internacional.

Pela tabela acima, verifica-se que entre 1984 (0,00195) e 1988 (0,2913) a moeda brasileira em 1988 sofreu uma desvalorização da ordem de 149,30 vezes (14.837%) em relação à cotação original de 1984. Caso formos comparar o efeito absoluto da desvalorização cambial, tomando por base a cotação do dólar em 31/01/1984 (0,001080) e a taxa cambial de 15/01/1989 (NCz\$1,00, quando se iniciou o novo congelamento e reforma monetária), a taxa de desvalorização cambial alcançou astronômica cifra de 925,9 vezes, equivalente a 92.493% no período 1988/1984, ou 18.628,9 vezes equivalente a 1.862.800% no período 1988/1980.

PRODUÇÃO EXTRATIVA VEGETAL DA AMAZÔNIA (REGIÃO NORTE)

Produtos	1986	NCz\$1,00	Us\$1,00
AÇAI (bruto) (ton)	133.847	567.419	41.028.127
BALATA (goma) (ton)	22	166	12.002
BABAÇÓ (amêndoa) (ton)	43	92	6.652
BURITI (fibra) (ton)	893	1.130	81.706
CASTANHA-DO-PARÁ (ton)	35.562	95.345	6.894.070
CAUCHO (ton)	200	1.849	133.694
COPAÍBA (óleo) (ton)	42	510	36.876
PAUROSA (óleo essencial) (ton) (estimativa do autor)	72	9.360	720.000
CUMARÓ (fava) (ton)	457	10.291	744.107
HÉVEA (látex coagulado) (ton)	26.880	374.895	27.107.375
HÉVEA (látex líquido) (ton)	1.520	13.018	941.287
LICURI (coquilho) (ton) (Acre)	4.642	3.717	268.763
MAÇARANDUBA (goma) (ton)	376	2.281	164.931
PALMITO (ton)	124.314	87.616	6.335.213
PIAÇAVA (fibra) (ton)	303	1.732	125.234
SORVA (goma) (ton)	3.002	15.821	1.143.962
URUCÓ (semente) (ton)	56	111	8.026
CARVÃO VEGETAL (ton)	42.884	59.221	4.282.067
LENHA (m ³)	10.158.224	514.019	37.166.955
MADEIRA EM TORA (m ³) (Rondônia = 3.483.788 m ³) / 15.735.243 (Pará = 6.297.073 m ³) / 15.716.347 327.915 m ³	22.238.729	9.930.518	718.041.793
MADEIRA EM TORA DE ESPÉCIES PLANTADAS (m ³)	1.077.360	59.255	4.284.526
CELULOSE (ton) - 1985 (valor corrente a preços de 1989 = Us\$600 por tonelada)	201.169	-	120.701.400
T O T A L		11.748.366	970.228.766

Fonte: IBGE, Anuário Estatístico 1988 e autor.

Obs: O preço da madeira em tora depende da espécie e da sua classificação comercial. As madeiras brancas em toras, como virola, ucuúba, sumaúma, valem cerca de Us\$20/30,00 o m³. As madeiras duras nobres alcançam altos preços, quando as toras são desdobradas em táboas, ou convertidas em laminados ou compensados, podendo variar a sua cotação do produto industrializado entre Us\$300 a Us\$500 o m³. A industrialização dessa madeira, mesmo a um preço médio de Us\$100 o m³ daria um valor de Us\$2,2 bilhões, a preços de 1989. Por isso, podemos estimar que o valor da produção florestal da Amazônia Clássica deve alcançar cerca de Us\$4 bilhões/ano, se convenientemente trabalhada e valorizada.

PRODUÇÃO EXTRATIVA FLORESTAL - REGIÃO NORTE

1976/1986

PRODUTOS	ANO	Quantidade ton	NCz\$1,00	Us\$1,00
AÇAÍ (frutas)	1976	15.134	18.211,00	1.701.962
	1986	133.847	567.419,00	41.028.127
ANDIROBA (amêndoas)	1976	84	0,054	5.046
	1986	-	-	-
BABAÇU (amêndoas)	1976	768	1,307	122.149
	1986	43	92,00	6.652
BALATA (ton)	1976	512	5.424,00	506.915
	1986	-	-	-
BURITI (fibra)	1976	-	-	-
	1986	893	1.130,00	81.706
CASTANHA DO PARÁ	1976	60.963	170,926	15.974.392
	1986	35.562	95.345,00	6.894.070
CAUCHO (latex)	1976	312	2,756	257.570
	1986	200	1.849,00	133.694
COPAÍBA (óleo)	1976	26	0,204	19.065
	1986	42	510,00	36.876
PAU ROSA (óleo essencial) (estim. autor)	1976	88	-	965.000
	1986	72	-	720.000
CUMARÓ (fava)	1976	15	0,18	16.822
	1986	457	10.291,00	744.107
GUAXIMA (fibra)	1976	22	0,046	4.299
	1986	-	-	-
HÉVEA (latex coagulado)	1976	14.478	152,306	14.234.205
	1986	26.880	374.895,00	27.107.375
HÉVEA (latex líquido)	1976	1.016	5,38	502.803
	1986	1.520	13.018,00	941.287
IPECACUANHA ou POAIA (raiz)	1976	10	0,55	51.497
	1986	-	-	-
JUTAICICA (resina)	1976	17	0,053	4.953
	1986	-	-	-

Produtos	ANO	Quantidade ton	NCz\$1,00	Us\$1,00
MAÇARANDUBA (latex)	1976	514	2,46	230.280
	1986	376	2.281,00	164.931
MURUMURÓ (semente)	1976	41	0,022	2.056
	1986	-	-	-
PALMITO	1976	197.685	121,78	11.381.962
	1986	124.314	87.616,00	6.335.213
PIAÇAVA (fibra)	1976	1.871	4,77	446.355
	1986	303	1.732,00	125.234
SORVA (latex)	1976	6.197	20,04	1.873.551
	1986	3.002	15.821,00	1.143.962
TIMBÓ	1976	15	0,025	2.336
	1986	-	-	-
URUQUIRANA (latex)	1976	46	0,163	15.233
	1986	-	-	-
UCUCÁBA (amêndoas)	1976	109	0,095	8.878
	1986	-	-	-
URUCÓ	1976	17	0,091	8.504
	1986	56	111,00	8.026
LENHA (m³)	1976	6.025.126	92,43	8.638.411
	1986	10.158.224	514.019,00	37.166.955
MADEIRA EM TORA (m³)	1976	5.947.762	754,28	70.493.457
	1986	22.238.729	9.930.518,00	718.041.793
Rondonia:	1976 =	75.100		
	1986 =	2.725.243		
Pará :	1976 =	5.144.116		
	1986 =	18.416.357		
Amazonas:	1976 =	338.886		
	1986 =	339.940		
CARVÃO VEGETAL (ton)	1976	25.360	29,08	2.717.943
	1986	42.884	59.221,00	4.282.067
TOTAL	1976	325.300 ton 11.972.888 m³		130.185.644
	1986	370.451 ton 32.396.953 m³		844.962.075

Fonte: IBGE, Anuários Estatísticos 1978/1988

Obs: Mapeamento, tabulação, conversão em dólares equivalentes, feitos pelo autor. Taxa de câmbio 1976 = Us\$1 = NCz\$0,0000107
1977 = Us\$1 = NCz\$0,01383

1. Pelo quadro acima verifica-se, na década 1976/1986, o declínio da produção florestal da Amazônia e de sua diversificação, com exceção apenas para os produtos madeireiros: madeira em toras, que teve um dramático crescimento de 273,9%, passando de 5.947,762 m³ (1976) para 22.238.729 m³ em 1987. Produtos de madeira, como a lenha e o carvão vegetal tiveram, também, significativo crescimento; todos eles resultantes do processo de desmatamento que se verificou na região, na década dos anos 70, com o advento da pecuária. Observa-se que o Estado do Amazonas, como o desmatamento foi mínimo, a produção de madeira em toras permaneceu a mesma (399.000 m³).
2. No caso de Rondônia, por exemplo, a produção de madeira em toras subiu de 75.100 m³, em 1976, para 2.725.243 m³ em 1986, com um aumento de 3.627%, enquanto que no Pará, a produção aumentou de 5.144.116 m³ para 18.416.357 m³, nesses dois anos, com um incremento de 258%.
3. Houve, também, considerável redução na produção de palmito, o que talvez, indique que está havendo exaustão do estoque dessa espécie, sem a alternativa de reflorestamento obrigatório. A outra hipótese, é de que, como a produção de açaí, um fruto usado largamente como bebida pela população paraense de todas as classes, teve um grande incremento, talvez esse fato venha a indicar que a diminuição da produção de palmito - que é retirado mediante o corte do açaizeiro - tenha sido benéfica para as populações de baixa renda, pois essa palmácea passou a produzir os seus frutos para a produção dessa bebida.
4. Assinale-se, também, a diminuição da produção da castanha-do-pará, que passou de 60.963 ton em 1976 para 35.562 ton em 1986, com um decréscimo da produção de 58%. Os maiores responsáveis pela queda da produção dessa castanha foram o Estado do Pará, cuja produção caiu de 24.982 ton (1976) para 17.927 (1986) e o Estado do Amazonas com 13.039 ton e 3.583 ton, respectivamente. No Estado do Acre, a produção chegou a aumentar, passando de 9.389 ton (1976) para 10.191 ton (1986). No caso do Pará, a diminuição deve-se ao fato da maior região produtora - a região do Tocantins e Marabá, a capital da castanha - ter passado por grandes transformações na sua economia, quer devido à Hidrelétrica de Tucuruí como o desmatamento de uma área rica em castanheira para a formação de fazendas de gado. No caso do Amazonas, como não houve desmatamento, explica-se a queda da produção pelo declínio geral da economia extrativista e o conseqüente êxodo da população rural para a capital do Estado, face à decadência econômica do interior e a atração da Zona Franca de Manaus.
5. O aumento da produção da borracha - hévea (latex coagulada) - deve-se ao Estado do Acre, cuja produção aumentou de 7.823 ton (1976) para 14.173 ton (1986). Os Estados do Amazonas e Pará tiveram sensível redução na sua produção de borracha silvestre. A silvicultura dos Programas Probor I, II e III, planejados para uma plantação de 200.000 hectares, redundou num grande fracasso. Fracasso esse resultante das pragas do micro-ciclos ulei, e agora da desconhecida doença conhecida como "declínio" ou senilidade precoce. Acredita-se que desses programas tenha se "salvado" apenas cerca de 10.000 hectares, com a enxertia de copa com a variedade da hévea pauciflora e benthamiana, de baixa produtividade, porém de alta resistência às duas pragas. Esse programa de heveicultura feito sem o embasamento e o conhecimento científico e tecnoló-

gico, deve ter custado à Nação cerca de Us\$1 bilhão, em financiamentos da Sudhevea, subsidiados sem correção monetária.

6. Observa-se que a pauta da produção e aproveitamento de produtos florestais (é preciso notar que a floresta não é somente madeira) caiu sensivelmente nesse decênio. Assim, verificamos que entre 1976 e 1986, um grande elenco de produtos silvestres deixaram de ser produzidos, como andiroba, balata, quaxima, ipecacuanha, jutaicica, puxuri, maçaranduba, murumurú, jarina, timbô, uruquirana, ucuúba (amêndoas), cipó titica e muitos outros mais. O interior despovoou-se, ficou empobrecido, os custos de extração dos produtos florestais inviabilizaram a sua produção, as grandes distâncias e os aumentos dos fretes devidos a alta dos combustíveis, tornaram difícil a sobrevivência da economia extrativista de base florestal. Hoje, volta-se a insistir que, a solução amazônica reside, exatamente, na criação de reservas extrativistas para os povos da floresta. Acredito que sim, como forma de economia de subsistência e sobrevivência. Para passar para uma economia de mercado, a economia extrativista teria que passar por um novo modelo tecnológico e econômico, que aumentasse a rentabilidade do setor pela silvicultura, ou pelo enriquecimento florestal via adensamento das espécies nobres..

PRODUÇÃO AGRÍCOLA DA AMAZÔNIA (REGIÃO NORTE)

Produtos	1986	NCz\$1,00	Us\$1,00
ABACAXI (1.000 frutos)	10.849	34.344	2.483.297
ARROZ (em casca) (ton)	500.105	744.063	53.800.650
ALGODÃO HERBÁCEO (caroço) (ton)	3.249	25.409	1.837.237
BANANA (1.000 cachos)	49.649	480.146	34.717.715
BATATA DOCE (ton)	5.167	10.312	745.625
BORRACHA COAGULADA (ton) (seringueira plantada)	1.805	21.679	1.567.534
BORRACHA LÍQUIDA (látex) (ton) (seringueira plantada)	751	1.540	111.352
CACAU EM AMÊNDOAS (ton)	48.423	833.005	60.231.742
CAFÉ EM COCO (ton)	106.217	894.662	64.689.949
CAJÚ (1.000 frutos)	4.700	3.697	267.317
CANA-DE-AÇUCAR (ton)	342.076	247.617	17.904.338
CANA PARA FORRAGEM (ton) (Rondonia)	24.788	1.239	89.587
COCO-DA-BAHIA (1.000 frutos)	41.635	90.739	6.561.026
FEIJÃO EM GRÃO (ton)	93.767	319.174	23.078.380
FUMO EM FOLHA (ton)	1.301	21.400	1.547.360
GUARANÁ SEMENTES (ton)	895	29.084	2.102.964
JUTA (fibra seca) (ton)	27.857	154.377	11.162.472
LARANJA (1.000 frutos)	645.005	386.445	27.942.516
LIMÃO (1.000 frutos)	344.296	172.759	12.491.612
MALVA (fibra seca) (ton)	32.484	222.148	16.062.762
MAMÃO (1.000 frutos)	119.923	228.497	16.521.836
MANDIOCA (ton)	4.007.583	3.123.131	225.822.921
MANGA (1.000 frutos=	41.286	19.332	1.397.830
MELANCIA (1.000 frutos)	17.743	70.938	5.129.284
MILHO (ton)	402.697	483.887	34.988.214
MELÃO (1.000 frutos)	922	4.979	360.014
PIMENTA-DO-REINO (grão) (ton)	42.113	2.264.847	163.763.340
SOJA (grão) (ton) (Rondonia)	1.161	3.487	252.133
TANGERINA (1.000 frutos)	77.804	45.676	3.302.675
TOMATE (ton)	5.208	41.108	2.972.378
T O T A L		10.979.721	793.906.060

Fonte: IBGE, Anuário Estatístico 1988 e autor.

Obs: A produção da mandioca na Amazônia, grande parte proveniente do beiradão da Amazônia Clássica e das novas zonas da fronteira agrícola, atinge uma produtividade de 15.510 ton/ha em Rondonia, 17.585 no Acre, 12.616 no Pará, e 11.800 no Amazonas, ou seja, uma produtividade média de 14.377 ton/ha comparada com a média brasileira de 12.146 ton/ha. O valor dessa produção de mandioca, a preços de hoje de NCz\$12,50 por caixa de 25 kg, preço do CEAGESP em 23.3.89, daria um valor de Us\$2 bilhões contra os Us\$255 milhões de 1986 do IBGE. Os valores acima devem estar todos sub-avaliados, por estimarmos que a preço de mercado de hoje, a produção agrícola deve ultrapassar a Us\$4 bilhões.

PRODUÇÃO DE CAFÉ
ÁREA COLHIDA - QUANTIDADE PRODUZIDA - VALOR

Unidades da Federação	ANO	Área colhida hectares	Quant. Produzida toneladas (em côco)	Quant. Produzida sacos 60 kgs (beneficiado)	Valor Us\$
RONDÔNIA	1976	1.453	3.244	29.736	5.352.480
	1986	84.668	101.752	932.726	167.890.680
PARÁ	1976	876	612	5.610	1.009.800
	1986	2.099	3.690	33.825	6.088.500
AMAZONAS	1976	90	37	339	61.020
	1986	142	102	1.245	224.100
ACRE	1976	75	103	944	178.920
	1986	804	652	5.976	1.075.680
AMAPÁ	1976	8	3	27	4.860
	1986	29	21	192	34.560
RORAIMA	1976	0	0	0	0
	1986	0	0	0	0
TOTALS	1976	2.502	3.999	36.656	6.607.080
AMAZÔNIA	1986	87.742	106.217	973.964	175.313.520

Fonte: IBGE, Anuários Estatísticos 1976/1988. Tabulação e cálculos do autor.

Obs: 1. A quantidade de café em côco (tons) foi transformada em sacos de 60 k de café beneficiado, multiplicando a quantidade de café em côco pela "renda" de 55% (renda = relação percentual entre café em côco e café beneficiado, isto é, 40 k de café em côco corresponde a 22 k de café beneficiado, na forma do método de cálculo usado pelos "maquinistas" e classificadores do IBC. O resultado dessa multiplicação é, então, dividido por 60 k para encontrar-se o número de sacos. Rondônia, em 1986, foi o 6º maior produtor de café do Brasil, vindo após Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, S.Paulo e Bahia.

2. O rendimento do café, em Rondônia, foi de 1.201 k por hectare contra 395 k/ha em S.Paulo, 618 k/ha no Paraná, e 903 k/ha em Minas Gerais. As geadas no Paraná e S.Paulo devem ser a causa dessa baixa produtividade. A produtividade média, no Brasil, varia de 400 a 600 k/ha, dependendo do ano e clima, comparada com 700/800 k/ha na Colômbia, e 1.500 k/ha na Costa Rica, conforme a Revista do Comércio do Café, Rio de Janeiro, Nov/1988.

3. O valor da saca de café foi calculado na base da cotação da Bolsa de Mercadorias de São Paulo (BMSP), Bolsa de New York e Centro de Informações da Gazeta Mercantil que, em 11/2/89, informavam o preço básico de 139,95 por libra peso e NCz\$3,08 por kilo, equivalente a Us\$184,14, e NCz\$184,73 por saca. As cotações variam muito, dependendo do tamanho da safra mundial, tipo, classificação e qualidade. Por exemplo, em 3/1/89, a cotação chegou a Us\$208,56 e NCz\$407,00 por saca, para entrega futura, em maio. Aqui adotamos, para fins comparativos, preço atual médio de Us\$180,00 por saca de 60 k, constante para o decênio. Estamos conscientes das distorções que podem ocorrer, pois as "commodities" tem cotações extremas e estão sujeitas às violentas oscilações de um mercado muito especulativo. É preciso observar, também, que grande parte do café de Rondônia é da variedade Robusta (Conillon), que tem cotação inferior à variedade Arábica, também produzido nesse Estado.

PRODUÇÃO DE CAFÉ

ÁREA COLHIDA - QUANTIDADE PRODUZIDA - VALOR

Unidades da Federação	ANO	Área colhida hectares	Quant. Produzida toneladas (em coco)	Quant. Produzida sacos 60 Kg (beneficiados)	Valor US\$
RONDÔNIA	1976	1.453	3.244	29.736	5.352.480
	1986	84.668	181.752	932.726	167.890.680
PARÁ	1976	876	612	5.610	1.009.800
	1986	2.099	3.690	33.825	6.088.500
AMAZONAS	1976	98	37	339	61.020
	1986	142	102	1.245	224.100
ACRE	1976	75	103	944	178.920
	1986	804	652	5.976	1.075.680
AMAPA	1976	8	3	27	4.860
	1986	29	21	192	34.560
RORAIMA	1976	0	0	0	0
	1986	0	0	0	0
TOTAIS	1976	2.582	3.999	36.656	6.607.080
AMAZÔNIA	1986	87.742	186.217	973.964	175.313.520

Fontes: IBGE. Anuários Estatísticos 1976/1978. Tabulação e cálculos do autor.

Obs.: 1) A quantidade de café em coco (tons) foi transformada em sacos de 60 Kg de café beneficiado, multiplicando a quantidade de café em coco pela "renda" de 55% (renda = relação percentual entre café em coco e café beneficiado, isto é, 48 Kg de café em coco corresponde a 22 Kg de café beneficiado, na forma do método de cálculo usado pelos "maquinistas" e classificadores do IBC. O resultado dessa multiplicação é, então, dividido por 60 Kg para encontrar-se o número de sacos. Rondônia, em 1986, foi o 6o. maior produtor de café do Brasil, vindo após Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, São Paulo e Bahia.

2) O rendimento do café, em Rondônia, foi de 1.201 Kg por hectare contra 395 Kg/ha em São Paulo, 618 Kg/ha no Paraná, e 903 Kg/ha em Minas Gerais. As geadas no Paraná e São Paulo devem ser a causa dessa baixa produtividade. A produtividade média, no Brasil, varia de 400 a 600 Kg/ha, dependendo do ano e clima, comparada com 700/800 Kg/ha na Colômbia, e 1.500 Kg/ha na Costa Rica, conforme a Revista do Comércio do Café, Rio de Janeiro, Nov/1988.

3) O valor da saca de café foi calculado na base da cotação da Bolsa de Mercadorias de São Paulo (EMSP), Bolsa de New York e Centro de Informações Gazeta Mercantil que, em 11/02/89, informavam o preço básico de 139,95 por libra peso e NC1\$3,08 por Kg, equivalente a US\$184,14, e NC1\$184,73 por saca. As cotações variam muito, dependendo do tamanho da safra mundial, tipo, classificação e qualidade. Por exemplo, em 3/1/89, a cotação chegou a US\$208,56 e NC1\$407,00 por saca, para entrega futura, em maio. Aqui adotamos para fins comparativos, preço atual médio de US\$180,00 por saca de 60 Kg, constante para o decênio. Estamos conscientes das distorções que podem ocorrer, pois as "commodities" têm cotações extremas e estão sujeitas às violentas oscilações de um mercado muito especulativo. É preciso observar, também, que grande parte do café de Rondônia é da variedade Robusta (Conillon), que tem cotação inferior à variedade Arábica, também produzido nesse Estado.

PRODUÇÃO DE CACAU

ÁREA COLHIDA - QUANTIDADE PRODUZIDA - VALOR

Unidades da Federação	ANO	Área colhida hectares	Quant. Produzida toneladas	Quant. Produzida sacos 60 kgs	Valor Us\$
RONDÔNIA	1976	55	12	200	21.600
	1986	41.578	30.603	510.050	55.085.400
PARÁ	1976	7.587	2.257	37.616	4.062.528
	1986	32.139	16.583	276.383	29.849.364
AMAZONAS	1976	1.670	200	3.333	359.964
	1986	2.784	1.150	19.166	2.069.928
ACRE	1976	-	-	-	-
	1986	148	87	1.450	156.600
RONDÔNIA	1976	-	-	-	-
	1986	-	-	-	-
RORAIMA	1976	-	-	-	-
	1986	-	-	-	-
TOTALS	1976	9.312	2.469	41.149	4.444.092
	1986	76.649	48.423	807.049	87.161.292

Fonte: IBGE, Anuários Estatísticos 1978/1988.

Obs: 1. O rendimento médio da produção de cacau k/ha em Rondônia, em 1986, foi de 736 k/ha, comparado com o rendimento de 713 k/ha na Bahia, e 606 k/ha no Espírito Santo. Rondônia, hoje, é o segundo maior produtor de cacau no país (30.603 t em 1986), logo após a Bahia (395.486 t em 1986).

2. O valor do cacau, a semelhança do café e outros commodities, sofre grande variação em função da magnitude da safra, qualidade e das oscilações especulativas dos mercados e das Bolsas de New York e Londres. A Ceplac, no seu Boletim de Setembro de 1987 sobre evolução dos preços de cacau, informou que no ano de 1976, o preço médio da tonelada foi de Us\$1.695 contra Us\$2.052 em 1986. As cotações em 1988, neste momento, estão deprimidas, em torno de Us\$1.400/1.500 a tonelada métrica. O cacau em Rondônia sofre um forte deságio nas Bolsas de New York/Londres/Paris, chegando a sofrer um deságio de Us\$150/200 a tonelada, em relação ao cacau da Bahia. Em grande parte isto se deve às precárias condições de seleção e secagem do produto, bem como ao fato de que existe no mercado internacional um forte preconceito contra a qualidade do cacau nativo do Baixo Amazonas, chamado "up-river", que chega a ter um deságio acima de Us\$300,00. Usamos como referência de preço, no quadro acima, o valor médio de Us\$1.800 por tonelada, equivalente a Us\$108,00 por saca de 60 kilos.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE RONDÔNIA

SAFRA 1987

ÁREA - PRODUÇÃO - RENDIMENTO MÉDIO

Produtos	área ha	produção ton.	rendimento médio kg/ha
Arroz em casca (ton)	136.913	213.322	1.558
Banana (mil cachos)	14.915	12.104	811
Cacau (ton)	29.998	29.123	970
Café em coco (ton)	105.870	118.995	1.123
Feijão (ton)	75.719	44.075	582
Mandioca (ton)	26.722	414.456	15.509
Milho (ton)	106.776	173.112	1.621
TOTAL	496.913	993.083 ton 12.104 mil cachos	

Fonte: Delegacia do IBGE em Rondônia.

Levantamento sistemático de produção agrícola, Rondônia.

O Estado de Rondônia tornou-se um grande produtor agrícola da Amazônia Clássica, somente superado, provavelmente, pelo Estado do Pará. No entanto, em termos de cacau, já é o segundo maior produtor do país, e de café o quinto produtor.

Apesar dos grandes desmatamentos efetuados, estimados em 21% do total da área do Estado, até 1987, Rondônia apresentava a seguinte destinação da área desmatada:

- pastagens 1.300.000 ha
- culturas perenes ... 190.000 ha
- culturas anuais 450.000 ha
- capoeiras 3.160.000 ha

Com o novo zoneamento sócio-econômico-ecológico, preparado pelo Governo do Estado/Ministério do Interior e com a ajuda da FAO, espera-se conter o desmatamento na área da floresta densa, recuperar as áreas encapoeiradas e melhorar o nível da produtividade das culturas. Espera-se que o novo Plano Agro-pecuário e Florestal de Rondônia - Planifloro - venha contribuir para a criação de uma nova ordem econômica/ambiental.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA DE RONDÔNIA

SAFRAS 1987 - 1988

Produtos	Produção em toneladas ou 1.000 cachos		
	1987	1988	/ % 1988/1987
Arroz em casca (ton)	213.322	253.073	18,7
Banana (mil cachos)	12.104	16.525	36,5
Cacau (ton)	29.123	32.654	12,1
Café em coco (ton)	118.995	73.776	- 38,0
Feijão (ton)	44.075	60.514	37,3
Mandioca (ton)	414.456	452.519	9,2
Milho (ton)	173.112	240.971	39,2
TOTAL	993.083 ton	1.113.507 ton	12,1
	12.104 mil cachos	16.525 mil cachos	36,5

Fonte: Delegacia do IBGE em Rondônia. Levantamento sistemático da produção Agrícola, Rondônia.

A produção de café, em 1988, foi afetada (-38%) em função da estiagem que comprometeu em 38,5% de decréscimo no rendimento médio, gerando um grande desestímulo ao produtor.

Os dados acima indicam o aumento na produção agrícola de Rondônia, com exceção do café, na forma da observação acima. Estes dados servem para comparações futuras, pois um grande número de agrônomos, ecólogos e pedólogos alertam que essa produção será declinante, em função da pobreza e exaustão dos solos, proveniente das queimadas e manejo inadequado das culturas.

Segundo o recente relatório do Governo de Rondônia sobre Proteção Ambiental de 1989, o principal fator limitante e causador dos insucessos é a debilitação pela malária, os preços aviltados pagos à produção, os altos custos de transporte e a falta de crédito rural.

PRODUTIVIDADE DE DIFERENTES CULTURAS ASSISTIDAS
E NÃO ASSISTIDAS

CULTURAS	UNIDADE	P R O D U T I V I D A D E		
		PRODUTORES ASSISTIDOS	PRODUTORES NÃO ASSISTIDOS	DIFERENÇA (%)
ARROZ	t/ha	1,21	1,06	14
FEIJÃO	t/h	0,878	0,755	16
MANDIOCA	t raiz/ha	12	11,656	3
MILHO	t/ha	2,74	1,779	54
BANANA	1.000 cachos/ha	1,568	0,813	92
GUARANÁ	t/ha	0,154	0,110	40
JUTA/MALVA	t/ha	1,615	0,992	62

Fonte: Secretaria de Produção Rural do Estado do Amazonas - Plano de Ação, Manaus, Jan/1989.

ESTADO DO AMAZONAS
ÁREA COLHIDA E PRODUÇÃO PARA DIFERENTES CULTURAS

ANOS	CULTURAS																	
	PIÃO		MANGUEIRA		MILHO		BANANA		LARANJA		CANA-DE-AÇÚCAR		GUARANÁ		JUTA		MALVA	
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Área Colhida (ha)	Produção (mil ca.)	Área Colhida (ha)	Produção (mil fr.)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Área Colhida (ha)	Produção (t)
1.970	1.251	1.544	14.834	423.723	1.640	2.007	913	1.511	308	25.346	2.074	80.051	-	128	-	20.009	-	-
1.971	1.012	1.120	18.902	543.852	1.152	1.483	604	789	285	26.227	2.240	79.943	-	204	-	22.700	530	580
1.972	937	1.042	11.104	241.832	2.438	1.851	1.174	1.441	282	30.283	2.226	53.377	-	342	-	28.102	-	-
1.973	903	1.190	12.146	264.105	1.206	1.793	1.267	1.389	289	15.176	1.191	79.036	-	180	-	49.600	6.000	10.017
1.974	1.294	1.307	12.314	179.617	1.528	2.464	1.504	3.076	502	25.699	1.508	49.994	-	195	17.037	30.111	7.000	10.800
1.975	1.850	2.070	43.365	617.120	3.236	4.372	7.116	4.303	493	22.702	1.871	60.245	-	221	18.933	24.000	4.908	7.160
1.976	1.000	1.000	57.000	698.000	5.078	5.200	1.000	1.057	263	19.521	874	32.655	-	402	37.500	28.000	10.800	17.000
1.977	3.000	3.300	58.333	700.000	5.500	5.500	1.022	971	173	18.261	929	33.417	-	400	25.200	25.200	13.200	19.000
1.978	3.000	3.000	59.350	712.200	5.500	5.000	1.808	1.718	154	17.127	800	32.003	-	448	10.000	10.000	18.270	27.405
1.979	3.158	3.150	66.942	803.304	7.238	7.315	2.061	1.870	194	21.454	845	31.752	-	650	18.007	19.434	13.747	20.621
1.980	3.000	3.000	68.950	827.763	7.849	10.203	2.559	2.321	710	71.427	690	32.842	-	450	18.874	18.874	13.533	20.300
1.981	2.719	3.000	72.184	835.600	6.002	7.907	3.049	2.722	707	71.683	1.635	85.000	4.000	700	22.526	22.296	17.222	25.830
1.982	2.146	1.800	71.739	860.748	4.395	5.635	2.512	1.935	710	68.948	2.250	150.750	4.036	600	10.019	10.327	10.840	19.507
1.983	1.709	604	70.488	845.859	1.534	3.362	913	743	651	63.714	2.019	131.596	5.502	600	6.500	7.600	13.176	21.956
1.984	799	548	75.833	908.413	1.077	1.730	1.124	854	1.243	110.055	2.071	121.135	6.735	835	13.689	10.150	20.000	22.400
1.985	1.244	963	74.355	886.600	1.695	2.455	4.643	4.039	1.234	110.744	1.197	58.774	7.393	792	17.068	15.423	17.750	22.300
1.986	987	759	81.097	925.027	1.943	3.427	3.655	2.973	-	-	-	-	7.426	816	22.628	20.000	8.440	10.975
1.987	810	568	82.176	976.167	2.370	4.010	1.607	1.302	1.253	106.593	1.182	72.015	7.356	587	13.697	11.859	11.127	16.860

Fonte: Secretaria de Produção Rural do Estado do Amazonas - Plano de Ação, Manaus, Jan/1989.

PECUARIA BOVINA (efetivo e valor)

1970 - 1976 - 1986

Unidade: cabeça
Valor US\$1.000

	1970		1976		1986	
	cabeças	US\$1.000	cabeças	US\$1.000	cabeças	US\$1.000
PARA	1.043.000	156.450	1.519.000	227.850	4.036.502	605.475
RONDÔNIA	23.000	3.450	66.000	9.900	804.307	132.646
ACRE	72.000	10.800	135.500	20.250	347.085	52.182
AMAZONAS	263.000	39.450	204.000	30.600	431.939	64.640
RORAIMA	238.000	35.700	260.000	39.000	342.702	51.405
AMAPA	65.000	9.750	65.000	9.750	51.953	7.792
AMAZÔNIA (Região Norte exclusive Tocantins)	1.704.000	255.600	2.249.000	337.350	6.095.288	914.143
MARANHÃO (todo o Estado)	1.470.000	220.500	1.029.000	174.350	3.420.006	514.320
MATO GROSSO (Sul e Norte)	9.419.000	1.412.850	12.699.000	1.904.050	22.046.007	3.426.901
GOIÁS (todo o Estado inclusive Tocantins)	7.780.000	1.167.000	13.858.000	2.078.700	19.008.755	2.851.313
Total Amazônia						
Pré-Amazônia Centro Oeste	20.373.000	3.055.950	30.635.000	4.595.250	51.378.856	7.706.678

Fonte: IBGE - Anuários Estatísticos 1974/1978/1988

Obs.: 1) O rebanho bovino da Amazônia (Região Norte, exclusive Tocantins) teve um incremento de 257% no período de 1986/1970 e de 171% no decênio 1986/1976.

2) Como não foi possível obter a série 1970/1976/1986 para a Amazônia Legal, na ausência de dados dos novos Estados do Mato Grosso e Tocantins e da parte Amazônica do Maranhão (a oeste do Meridiano de 440), usamos a população bovina desses Estados englobando ao final, o total da Amazônia Clássica, da Pré-Amazônia Maranhense e do Centro Oeste. O Centro Oeste (Mato Grosso e Goiás), em 1986 possuía um efetivo bovino de 41.854.762 cabeças, grande parte desse rebanho criado nas zonas do cerrado, cerrado, mata fina, pantanal, e uma menor parte nas áreas de mata densa da floresta tropical chuvosa da Amazônia (Maranhão, norte de Mato Grosso e Goiás).

3) O valor equivalente em US dólares foi calculado tomando por base a cotação de NC:19,50/20,00 por arroba (15 Kg) do boi vivo em pé, do mercado atacadista para o boi gordo, segundo preço médio anunciado pela Bolsa de Mercadorias de São Paulo, Sindicato Nacional dos Pecuáristas de Gado de Corte, publicado na Gazeta Mercantil de 11/2/1989. Neste caso, como o peso médio da carcaça no Brasil é de 214 Kg (ou 14,26 arrobas) o preço do boi vivo, no mercado internacional, equivaleria a cerca de US\$20,00 por arroba ou US\$285,00 por cabeça. Tomamos assim para base de cálculo, em todo o período, este último preço para fins comparativos, embora saibamos que a arroba do boi vivo chegou a valer US\$40,28 em 1986 e US\$14,40 em janeiro de 1988. Como, no entanto, o rebanho bovino é formado por touros, vacas, bois gordos e magros, garrotes, bezerros e vitelas, preferimos estimar o seu valor per-capita em US\$15,00 por arroba ou US\$1,00 por Kg, peso da carcaça de 150 Kg ou seja US\$150,00 por cabeça. Este foi o valor usado um tanto arbitrariamente para estimar o rebanho em 1970/1976/1986. O rebanho da Amazônia Clássica com base num crescimento modesto de 5% ao ano significa que o rebanho bovino de 1986 (6.095.288 cabeças) deve ter ultrapassado em 1908 a 7 milhões de efetivo cujo valor atingiria assim a importância de US\$1,40 bilhão. Como a taxa de desfrute é de cerca de 10%, ou seja 700.000 cabeças abatidas ao ano, a contribuição ao PIB regional deveria ter atingido a cerca de US\$140 milhões em 1980.

PECUÁRIA BOVINA

Efetivo (cabeças)

Estados e Territórios	1970	1980	1985	Δ % $\frac{1985}{1970}$
Pará	1.043.648	2.729.796	3.485.368	233%
Rondônia	23.125	251.419	768.411	2.322%
Amazonas	263.487	355.748	420.940	59%
Acre	72.166	292.190	333.457	362%
Roraima	238.761	313.881	303.501	27%
Amapá	64.990	46.079	46.901	- 38%
Total Amazônia	1.706.177	3.989.113	5.358.578	214%
Total Brasil	78.562.250	118.085.872	127.643.292	62%

Fonte: IBGE, Anuários Estatísticos 1974/1985/1986, Censo Agropecuário 1985.

Tabulação comparativa dos rebanhos e incrementos percentuais calculados pelo autor.

PECUÁRIA BUBALINA (efetivo e valor)

1973 - 1976 - 1986

Unidades da Federação	1973		1976		1986	
	Cabeças	Us\$1.000	Cabeças	Us\$1.000	Cabeças	Us\$1.000
PARÁ	94.000	27.260	128.000	37.632	468.724	137.804
AMAPÁ	4.000	1.176	12.000	3.528	50.798	14.934
RONDÔNIA	1.000	294	1.000	294	11.819	3.474
AMAZONAS	1.000	294	2.000	588	11.437	3.362
ACRE	-	-	-	-	1.070	314
RORAIMA	-	-	-	-	474	139
AMAZÔNIA REGIÃO NORTE	100.000	29.024	143.000	42.042	544.322	160.030
MARANHÃO (todo o Estado)	17.000	4.998	39.000	11.466	107.551	
MATO GROSSO (Norte e Sul)	14.160	4.163	44.000	12.936	48.422	
GOIÁS (Sul e Tocantins)	6.651	1.955	19.000	5.586	45.120	
T O T A L	137.811	40.140	245.000	72.030	745.415	

Fonte: IBGE, Anuários Estatísticos 1974/1978/1988.

Obs: 1. O rebanho de búfalos na Amazônia teve um dramático crescimento de 203% no decênio 1986/1976 e 300% em relação a 1973. Animal rústico, de maior carcaça, pesando mais do que o dobro dos bovinos, mais resistentes às doenças e menos exigentes em termos de alimentação, capaz de mergulhar no fundo do rio para buscar alimentação. Os búfalos originários da Índia e do Mediterrâneo têm se adaptado muito bem à ecologia e às condições das várzeas e rios amazônicos.

2. O valor do rebanho, em 1986, foi calculado pelo IBGE em Cz\$2.214.602.000, ou seja, Cz\$4.068 por cabeça, que convertido em dólar médio de 1986 (Us\$1,00 = NCz\$0,01383) importa em Us\$294,00 por búfalo. Este valor tomado, arbitrariamente, para todo o período, para fins comparativos, resultou em Us\$160.030.688,00, valor do rebanho bubalino amazônico em 1986, comparado com Us\$42.336.000 em 1976, e Us\$29.400.000 em 1973, ano em que a bubalinocultura iniciava a sua expansão.

3. Com uma taxa de desfrute de 10% ao ano, o contributo do búfalo para o PIB regional situou-se em Us\$16 milhões ao ano. Caso a tendência do crescimento do efetivo mantenha o mesmo ritmo de crescimento, de 12% ao ano (544.322 búfalos na Amazônia em 1986 contra 487.275 em 1985 e 430.986 cabeças em 1984), o rebanho neste ano de 1989 deve ascender a 764.000 animais, que corresponde a um valor (ceteris paribus) de Us\$224.616.000.

PECUÁRIA BUBALINA

Efetivo (cabeças)

Estados e Territórios	1974	1980	1984	Δ % $\frac{1984}{1974}$
Pará	107.000	210.000	345.818	223%
Amapá	9.000	29.000	56.819	531%
Rondônia	-	4.000	15.804	*
Amazonas	2.000	3.000	11.174	45%
Acre	-	-	956	*
Roraima	-	-	415	*
Total Amazônia	118.000	246.000	430.986	265%
Total Brasil	200.000	495.000	804.478	302%

Fonte: IBGE, Anuários Estatísticos 1976/1984/1985/1986 e Censo Agropecuário de 1985 - Região Norte.

Tabulação comparativa do rebanho e incrementos percentuais calculados pelo autor.

O efetivo bubalino de 1970 e 1985 não conseguimos localizar, daí termos nos utilizado dos efetivos de 1974, publicado no Anuário de 1976, e de 1984 no Anuário de 1985.

* Os percentuais de Rondônia, Acre e Roraima não podem ser calculados estatisticamente em virtude da base zero de 1974, a despeito de terem apresentado uma evolução expressiva.

PECUÁRIA E CRIATÓRIO - DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

ESTADO DO PARÁ - CENSO ECONÔMICO 1985

MICRO-REGIÕES	Número in- formantes pec.bovina	EFETIVO (número de cabeças)		
		bovinos	suínos	aves
HILEIA PARAENSE (06)				
012. <u>MÉDIO AMAZONAS PARAENSE</u> (Alenquer, Faro, Juru- ti, Monte Alegre, Óbi- dos, Oriximiná, Santa- rém)	8.454	395.038	114.380	1.024.408
013. <u>TAPAJÓS</u> (Aveiro, Itaituba)	1.429	46.666	33.826	321.864
014. <u>BAIXO AMAZONAS</u> (Almeirim, Porto de Moz, Prainha)	3.419	108.459	63.297	323.937
015. <u>XINGÓ</u> (Altamira e São Felix do Xingú)	1.054	91.169	21.781	197.193
020. <u>ARAGUAIA PARAENSE</u> (Conceição de Araguaia, Redenção, Rio Maria, San- tana do Araguaia, Xin- guara)	6.981	864.711	194.244	767.707
LESTE PARAENSE (07)				
016. <u>FUROS</u> (Afuá, Anajás, Breves, Curralinho, Gurupá, Mel- gaço, Portel, S.Sebastião de Boa Vista, Senador Jo- sé Porfírio)	1.415	61.805	97.318	257.726
017. <u>CAMPOS DE MARAJÓ</u> (Cachoeira do Arari, Chaves, Muaná, Ponta de Pedras, Salvaterra, San- ta Cruz do Arari, Souré)	1.318	456.698	176.069	110.783
018. <u>BAIXO TOCANTINS</u> (Abaetetuba, Bagre, Baião, Barcarena, Cametá, Igarap- é-Miri, Limoeiro do Ajurú, Mocajuba, Moju, Oeiras do Pará)	1.187	32.350	164.577	481.595

019. <u>MARABÁ</u> (Itupiranga, Jacundá, Marabá, S. João do Ara- guaia, Tucuruí)	4.890	430.350	116.617	646.359
021. <u>TOMÉ-AÇU</u> (Acará e Tomé-Açu)	490	77.590	41.182	160.572
022. <u>GUAJARINA</u> (Bujaru, Capitão Poço, Irituia, Ourém, Paraço- minas, Rondon do Pará, São Domingos do Capim)	6.675	741.706	150.236	824.269
023. <u>SALGADO</u> (Colares, Curuçá, Maga- lhães Barata, Maracanã, Marapanim, Primavera, Salinópolis, Santarém Novo, S. Antonio do Tauá, S. Caetano de Odivelas, Vigia)	386	16.227	9.066	375.231
024. <u>BRAGANTINA</u> (Augusto Corrêa, Bonito, Bragança, Capanema, Cas- tanhal, Igarapé-Açu, Inhan- gapi, Nova Timboteua, Peixe Boi, Santa Isabel do Pará, Santa Maria do Pará, São Miguel do Guamá)	4.207	116.814	43.133	1.617.499
026. <u>VISEU</u>	2.149	39.209	19.620	148.143
<u>BELÉM (08)</u>				
025. <u>BELÉM</u> (Ananindeua, Belém, Be- nevides)	121	6.576	6.268	1.029.785
TOTAL DO PARÁ	44.175	3.485.368	1.251.614	8.287.071
TOTAL DA AMAZÔNIA	90.199	5.358.578	2.144.226	16.204.790

Fonte: IBGE, Censo Econômico (Agropecuário) 1985 - Região Norte.

Obs: Resumo por micro-regiões homogêneas, de acordo com a nomenclatura do IBGE, feito pelo autor.

Devemos destacar a liderança no campo da pecuária bovina na micro-região do Araguaia Paraense com 864.711 cabeças (os maiores produtores provem de Xinguara e Santana do Araguaia); seguida da micro-região Guajarina com 741.706 cabeças, cabendo destacar os grandes centros de Paragominas e S. Domingos do Capim; Campos de Marajó com 456.698 cabeças, no qual se destaca Cachoeira do Arari, Soure e Chaves; Marabá com 430.350, liderado pelos rebanhos de Marabá e e S. João do Araguaia; e Médio Amazonas com 395.038 bovinos, no qual situam-se como maiores produtores Santarém, Alenquer e Óbidos.

No campo da avicultura destacam-se a contribuição pioneira da velha zona Bragantina com 1.617.499 aves, seguida da micro-região Belem com 1.029.785 aves, Médio Amazonas com 1.024.408, Araguaia Paraense com 767.707 e Marabá com 646.359 aves.

No campo do criatório suíno, destacam-se Araguaia Paraense com 194.294 suínos, seguida de Campos de Marajó com 176.069, Baixo Tocantins com 164.577 e Guajarina com 150.236 suínos.

PECUÁRIA E CRIATÓRIO - DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL
TERRITÓRIO DE RORAIMA - CENSO ECONÔMICO 1985

MICRO-REGIÕES	Número In- formantes pec.bovina	EFETIVO (número de cabeças)		
		bovinos	suínos	aves
RORAIMA (05)				
RORAIMA (011)				
-Alto Alegre	277	32.135	4.717	21.389
-Boa Vista	521	155.042	11.046	72.628
-Bonfim	254	39.536	4.730	33.723
-Caracarái	156	11.128	3.102	33.239
-Mucajáí	143	11.324	2.104	23.197
-Normandia	157	40.388	2.519	9.956
-São João da Baliza	249	5.846	10.077	56.223
-São Luiz	301	8.102	5.536	53.201
TOTAL RORAIMA	2.058	303.501	43.867	108.556
TOTAL AMAZÔNIA	90.199	5.358.578	2.144.226	16.004.790

Fonte: IBGE, Censo Econômico 1985 - Região Norte.

Obs: A área menos povoada de toda a Amazônia, o Território Federal de Roraima (antigo Rio Branco), surgiu em 1942, em consequência do Dec-lei 5.832, de 13 de setembro de 1943, durante a Presidência de Getúlio Vargas, quando foram criados, também, os Territórios do Guaporé (Estado de Rondônia), Amapá, bem como os de Ponta Porã e Iguazu, estes dois últimos extintos pelo art. 18 da Constituição de 1946.

O Território, no entanto, é de ocupação antiga, pois pertencia a antiga Capitania de São José do Rio Negro (atual Estado do Amazonas). Esta capitania, que teve sede em Barcelos, no rio Negro, teve como um dos seus grandes governadores, no tempo colonial, Lobo D'Almada, que fundou, em 1787, as fazendas nacionais de São Bento, São José e São Marcos, perto dos rios Uaricoera e Tacutu, não muito longe de Boa Vista, situadas na plena e vasta região dos lavrados roraimenses, espécie de cerrado e savana do Brasil Central; pertencem essas fazendas a União Federal e a Funai.

Esses lavrados, situados na região leste do Território, dimensionaram-se em torno de 4 milhões de hectares, em contraste com a área oeste, ocupada pela floresta tropical pluvial. Aparentemente poderia ter se desenvolvido, dada a sua longa tradição de área pecuária bovina, resultante do encontro do gado espanhol de Tefé e do gado português de Marajó. No entanto, dado a pobreza e degenerescência genética dos seus rebanhos e de suas forrageiras, durante dois séculos, fizeram com que a pecuária de Roraima ficasse desprezada no tempo, até que o antigo boi Marreiro foi sendo substituído pelo Nelore e outras raças zebuínas, mais resistentes às pragas, à seca e ao rigor do clima equatorial.

Mesmo assim, durante quase dois séculos, essas e outras fazendas foram responsáveis pelo abastecimento de carne para Manaus, durante o inverno, quando o rio Branco se torna navegável, complementado com o gado do Baixo Amazonas, durante o período do verão, quando as várzeas do rio Amazonas engordam o boi para o desfrute.

Pelos fatores acima mencionados, explica-se o fato da estagnação ou lenta evolução do rebanho bovino de Roraima que, de 238.761 cabeças em 1970, passou para 303.501 unidades em 1985, com um pequeno acréscimo de 27% no período, enquanto o Amazonas evoluiu para uma modesta taxa de 5%, e ocorreu a explosão das taxas de crescimento do rebanho bovino, em outras áreas, como 2.301% em Rondônia, 362% no Acre e 233% no Pará. Nesse ínterim, somente o Amapá teve um decréscimo absoluto, com uma redução do seu rebanho de 64.990 cabeças para 46.901 (menos 38%), cuja estatística precisa ser investigada se verdadeira de fato, ou resultado de erro ou lapso de contagem.

Dentro desse quadro, releve observar que o município da capital Boa Vista lidera o número do rebanho com 155.042, ou seja, 51% do total do Território. Depois de Boa Vista, o maior destaque da pecuária vai para os municípios fronteiriços à República Cooperativa da Guiana, Normandia com 40.388 cabeças e Bonfim com 39.536 cabeças, que provavelmente abasteceu de carne a população desse país limítrofe, através do comércio de pacotilha ou simples exportação informal e invisível, com a complacência tácita das autoridades e do fisco federal que, aliás, prevê regime especial aduaneiro para essas e outras regiões da fronteira.

Já no setor oeste do Território, em área da floresta, em Caracarái e Mucajáí, a pecuária bovina é bem menor, face às dificuldades e alto custo para renovação da cobertura florestal, apresentam 11.128 e 11.324 cabeças, respectivamente.

A situação atual da pecuária bovina de Roraima está na dependência do rompimento do seu isolamento, mediante o asfaltamento previsto da rodovia BR-174, que liga Manaus-Caracarái-Boa Vista-BV-8, e no território da Venezuela com Santa Helena do Ururiu e Caracas, criando assim um vasto mercado consumidor para os seus produtos.

Roraima, por apresentar certa semelhança, na área do lavrado, com o campo gaúcho, vem sendo procurado por pecuaristas desse Estado e do sul, enquanto as terras estão disponíveis e a preços baixos. Torna-se imprescindível, no entanto, encontrar uma tecnologia adequada para o manejo do lavrado roraimense, que tem déficit hídrico e solos distróficos ou oligotróficos, bem como encontrar novas tipos de capins e forrageiras e raças de gado mais adaptadas às condições físicas, fisiológicas e climáticas da região.

PECUÁRIA E CRIATÓRIO - DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

ESTADO DE RONDÔNIA - CENSO ECONÔMICO 1985

MICRO-REGIÕES	Número in- formantes pec.bovina	EFETIVO (número de cabeças)		
		bovinos	suínos	aves
RONDÔNIA (01)	24.639	768.411	500.054	3.808.321
-Ariquemes	2.325	71.315	42.997	478.980
-Cacoal	3.223	86.222	75.811	472.511
-Cerejeiras	271	14.742	2.437	4.426
-Colorado do Oeste	1.769	33.431	18.260	32.970
-Costa Marques	904	31.016	38.645	241.478
-Espigão do Oeste	871	39.645	20.388	96.614
-Guajará-Mirim	427	20.449	5.592	61.880
-Jaru	2.086	51.070	40.255	257.362
-Ji-Paraná	2.289	70.479	40.720	278.505
-Ouro Preto do Oeste	3.844	102.221	70.997	574.744
-Pimenta Bueno	1.252	66.898	21.581	151.679
-Porto Velho	523	35.359	13.937	347.718
-Presidente Médici	92	48.888	46.063	318.860
-Rolim de Moura	2.582	40.998	53.967	390.016
-Vilhena	302	51.678	8.533	100.578
TOTAL RONDÔNIA	24.639	768.411	500.054	3.808.321
TOTAL AMAZÔNIA	90.199	5.358.578	2.144.226	16.204.790

Fonte: IBGE, Censo Econômico 1985 - Região Norte.

Obs: Resumo por municípios e síntese seletiva de informantes feitos pelo autor.

Rondônia, de acordo com a nomenclatura oficial do IBGE, só possui uma me-so-região e micro-região - Rondônia (01), daí termos partido para a publicação da produção municipal para podermos ter uma melhor idéia dessa nova fronteira agrícola da Amazônia. Com exceção de Costa Marques e Guajará-Mirim, que se situam na região do rio Guaporé, e da capital Porto Velho, localizada no rio Madeira, o resto dos municípios e respectivas sedes situam-se ou estão sob a forte influência da rodovia federal BR-364, que liga Cuiabá a Porto Velho, totalmente asfaltada, e daí em terra batida a estrada se prolonga para atingir Rio Branco (AC-Alto Purus) e Cruzeiro do Sul (AC-Alto Juruá).

A expansão da fronteira agrícola de café, cacau, milho, arroz, feijão, banana, inclui também o criatório bovino, suíno e avícola. Este criatório, hoje, lidera o 29 lugar na produção amazônica, com rebanho de 768.411 comparado com 3.485.368 cabeças do Pará, sendo que no quinquênio 1980/1985, a região teve um crescimento absoluto de 1.369.465 cabeças. Vale ressaltar que o Pará detem 55% e Rondônia 37% do aumento quinquenal do rebanho, cabendo aos outros Estados e Territórios apenas cerca de 8%.

Analisado em termos per capita, o maior rebanho bovino, suíno e avícola pertence também a Rondônia. Observar o tamanho do rebanho suíno, que talvez deva ser atribuído aos criadores que migraram do Paraná e Rio Grande do Sul para Rondônia, onde a população de ascendência alemã, polonês e italiana tem nele uma de suas preferências alimentares.

Em termos absolutos de bovinocultura, o maior município produtor é o de Ouro Preto do Oeste, com 102.221, seguido de Cacoal (86.222), Ariquemes (71.315) e Ji-Paraná (70.479). O maior efetivo avícola pertence a Ouro Preto do Oeste com 574.744, seguido de Ariquemes, Cacoal, Rolim de Moura, Porto Velho e Presidente Médici. O tamanho do efetivo avícola indica logo a existência de uma estrutura agrária, mais bem equilibrada, em Rondônia, onde prevalece a pequena e média propriedade, graças aos primeiros projetos do INCRA, que atuaram em Rondônia, para criar esse modelo familiar de colonização. Outra evidência desse modelo familiar é a existência de um maior número de propriedades, pois enquanto o Amazonas detinha, no setor bovino, apenas 9.534 estabelecimentos informantes, Rondônia apareceu com 24.639. Mesmo comparado com o Estado do Pará, verifica-se que em 1985, o número médio de cabeças de gado por estabelecimento foi de 78,8 cabeças contra 31,1 cabeças em Rondônia. Também, outro dado importante a considerar é que no Pará o aumento da área em estabelecimentos foi mais de 3 vezes superior a de Rondônia. Os novos estabelecimentos de Rondônia, surgidos no período 1980-1985, foram de cerca de 26 hectares, comparados com 100 hectares por estabelecimento no Estado do Pará.

PECUÁRIA E CRIATÓRIO - DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL
ESTADO DO AMAZONAS - CENSO ECONÔMICO 1985

MICRO-REGIÕES	Número in- formantes pec.bovina	EFETIVO (número de cabeças)		
		bovinos	suínos	aves
HILÉIA AMAZONENSE (03)				
004. ALTO SOLIMÕES (Amaturá, Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Ponte Boa, Jutai, S. Antonio do Itá, São Paulo de Olivença, Tabatinga, Tonantins)	552	10.098	22.187	170.229
005. JURUÁ (Carauari, Eirunepé, Envira, Ipixuna, Itamarati, Juruá)	506	12.996	19.631	104.943
006. PURUS (Boca do Acre, Carutana, Lábrea, Pauini, Tapauá)	727	44.422	19.490	127.457
007. MADEIRA (Borba, Humaitá, Manicoré, Novo Aripuanã)	145	13.321	24.865	267.940
008. RIO NEGRO (Barcelos, Novo Airão, Sta. Isabel do Rio Negro, S. Gabriel da Cachoeira)	86	2.410	1.125	22.477
009. SOLIMÕES-JAPURÁ (Alvarães, Ananã, Anori, Coari, Codajás, Japurá, Maraã, Tefé, Uarini)	340	10.149	8.653	103.640
MANAUS (04)				
010. MÉDIO AMAZONAS (Autazes, Barreirinha, Beruri, Boa Vista do Ramos, Caapiranga, Careiro, Iranduba, Itacoatiara, Itapiranga, Manacapuru, Manaquiri, Manaus, Maués, Nhamundá, Nova Olinda do Norte, Parintins, Presidente Figueiredo, Rio Preto da Eva, S. Sebastião do Uatumã, Silves, Urucarã, Urucurituba)	7.178	327.544	81.474	1.275.020
TOTAL AMAZONAS	9.534	420.940	177.425	2.071.706
TOTAL AMAZÔNIA	90.199	5.358.578	2.144.226	16.204.790

Fonte: IRGE, Censo Econômico (Agropecuário) 1985 - Região Norte.

Obs: Resumo por micro-regiões homogêneas, de acordo com a nomenclatura do IBGE, feito pelo autor.

O panorama da pecuária bovina, criatório suíno e de aves no Amazonas tem pouca expressão no contexto regional, em face do dinamismo da economia do Pará e Rondônia nesses setores. Mesmo assim devemos destacar a concentração dessa atividade na micro-região do Médio Amazonas com 327.544 cabeças de bovinos (77% do Estado), 81.474 de suínos (46% do Estado) e de 1.275.020 aves (61% do Estado). Nessa micro-região, a liderança pecuária pertence a Parintins com 49.980 bovinos, Careiro com 49.499, Autazes com 35.149, Itacoatiara com 37.032 e Nhamundá com 29.067 cabeças de bovinos. Na região vizinha à grande Manaus, na qual se pode incluir o município de Manaus (8.942), Rio Preto da Eva (10.947) e Presidente Figueiredo (4.084), o total disponível do rebanho passou a ser 23.973 animais. Fora dessa área tradicional, o fato novo no campo do criatório bovino é o surgimento desse setor no Rio Purus, com um rebanho de 44.422 cabeças, sendo que desse total 38.776 bovinos pertencem ao município de Boca do Acre. Em termos de criatório médio de aves, desponta apenas como um grande centro concentrador a região de Manaus com 1.275.000 aves, sendo que desse total o município de Manaus contribui com 495.000 cabeças; que mesmo assim continua tendo um baixo índice de produção, eis que a maior parte do frango consumido no Estado provém dos frigoríficos do Centro-Sul.

PECUÁRIA E CRIATÓRIO - DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

ESTADO DO ACRE - CENSO ECONÔMICO 1985

MICRO-REGIÕES	Número in- formantes pec. bovina	EFETIVO (número de cabeças)		
		bovinos	suínos	aves
ACRE (02)				
002. ALTO JURUÁ	1.975	58.340	44.381	315.696
-Cruzeiro do Sul	441	12.050	13.126	142.510
-Feijó	670	22.499	15.295	70.692
-Mâncio Lima	214	1.756	5.812	30.790
-Tarauacá	650	22.035	10.548	71.704
003. ALTO PURUS	7.061	275.117	105.420	1.101.494
-Assis Brasil	103	1.587	1.366	4.116
-Brasiléia	1.097	50.426	19.204	117.811
-Manoel Urbano	193	2.147	6.389	21.036
-Plácido de Castro	829	13.696	13.167	186.302
-Rio Branco	2.480	99.983	22.528	422.748
-Senador Guiomard	662	23.206	11.882	152.797
-Sena Madureira	882	27.534	17.794	108.533
-Xapuri	835	56.538	12.590	88.151
TOTAL DO ACRE	9.036	333.457	150.301	1.417.190
TOTAL AMAZÔNIA	90.199	5.358.578	2.144.226	16.204.790

Fonte: IBGE, Censo Econômico (Agropecuário) 1985 - Região Norte.

Obs: O rebanho bovino do Acre, no período 1985/1970, cresceu 362%, somente ultrapassado pelo incremento de Rondônia (2.322%), sendo muito maior do que o do Pará (233%) e do Amazonas (59%); passando nesse período de 72.116 para 333.457 cabeças. Este surgimento da pecuária bovina é consequência da expansão da fronteira agrícola que desceu do Centro-Sul, Centro-Oeste e Rondônia em direção do Acre, a partir dos anos 70. Este fato decorreu, em parte, do baixo valor, por hectare, das terras acreanas e da melhor qualidade dos seus solos, a despeito de todas as dificuldades de isolamento, carência de transporte e péssimo estado de conservação de sua rodovia BR-364 no inverno, e da falta de acesso ao rio Acre, durante o verão.

A economia acreana, que passa ainda por série crise de sobrevivência, devido a esses fatores, contudo, vem substituindo a antiga economia extrativa florestal, baseada no binômio borracha-castanha e do regime do aviação, pela nova economia agrícola e pastoril. Esse modelo se de um lado promete transformar a economia acreana auto-suficiente em grãos e proteínas, nos próximos anos, de outro lado a forma como vem sendo ocupada, pelo abandono dos seringais e pelo desmatamento, à semelhança de Rondônia, vem provocando clamor entre os ecologistas, a ponto do Banco Mundial ter sobre-estado o financiamento do asfaltamento da rodovia BR-364, até que medidas de proteção ambiental e das populações indígenas sejam tomadas.

Verifica-se no quadro que a micro-região do Alto Purús é a que possui maior dinamismo, dada a proximidade da capital Rio Branco, que tem a maior concentração de população do Estado. Assim é que o próprio município de Rio Branco, apresenta-se com o maior rebanho bovino do Estado, com 99.983 cabeças, seguido por Xapuri (56.538) e Brasiléia (50.426).

PECUÁRIA E CRIATÓRIO - DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL

TERRITÓRIO DO AMAPÁ - CENSO ECONÔMICO 1985

MICRO-REGIÕES	Número in- formantes pec.bovina	EFETIVO (número de cabeças)		
		bovinos	suínos	aves
MACAPÁ (027)				
- Macapá	329	16.652	8.292	296.286
- Mazagão	49	1.582	8.443	13.604
AMAPÁ e OIAPOQUE (028)				
- Amapá	312	22.377	3.196	1.865
- Calçoene	45	5.599	618	33
- Oiapoque	22	691	416	158
TOTAL AMAPÁ	757	46.901	20.965	311.946
TOTAL AMAZÔNIA	90.199	5.358.578	2.144.226	16.204.790

Fonte: IBGE, Censo Econômico (Agropecuário) 1985 - Região Norte.

Obs: Resumo por micro-regiões homogêneas e municípios, de acordo com a nomenclatura oficial, bem como o comparativo do total da Amazônia, feitos pelo autor.

O Amapá é a segunda unidade menos povoada da Amazônia, com 217.000 habitantes, estimados em 1985, e a menor área física-territorial, apenas 139.068 km². Esse Território Federal, desmembrado do Estado do Pará, foi criado pelo Dec-lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943, durante a administração do Presidente Getúlio Vargas, juntamente com os Territórios de Roraima (antigo Rio Branco) e Rondônia (antigo Guaporé, já transformado em Estado). O Território é de ocupação antiga, tendo servido de disputa e litígio entre franceses, ingleses e espanhóis para, finalmente, ser reconhecido como pertencente à soberania do Império português, integrante do antigo Estado do Grão-Pará e Maranhão, na qualidade de Capitania do Cabo Norte, em 1637, território que os espanhóis reivindicavam sob a denominação de Pinzônia, em homenagem a Vicente Yañez Pinzon, descobridor da foz do rio Amazonas - "Santa Maria de la mar Dulce", no ano de 1500.

O seu crescimento tem sido, como de Roraima, extremamente lento, pois não conseguiu ainda atrair empreendedores e colonizadores para realizar uma ocupação efetiva da área, pois o único empreendimento de porte, a ICOMI, do grupo Azevedo Antunes, concessionária da exportação de manganês na Serra do Navio, e outros empreendimentos ligados a indústria de madeira, plantações de dendê e cultura de camarão, não tem sido suficientes para gerar uma maior dinâmica da atividade econômica do Território.

Talvez a proximidade de Belém, que fica do outro lado do delta-estuário, e com a sua força de atração e dinâmica de sua atividade concentradora de população e empresa, tenha contribuído para o marasmo de sua vida econômica, a despeito de possuir favoráveis condições locais, que o porto do Amapá oferece pela sua situação-vantagem - às margens do canal Norte, acessível aos grandes navios cargueiros e mineiros - o que não ocorre com o porto de Belém, que sofre grandes problemas de assoreamento.

Outra análise de seu atraso seria baseada na sua extrema dependência da mineração de manganês, no complexo Serra do Navio-Ferrovia e Porto de Santana. A mineração, de um modo em geral, se não for integrada ou induzida a gerar efeitos de internalização ou de concatenação lateral para fins de arrecadação fiscal, pouco pode contribuir para o desenvolvimento territorial. Nesse aspecto, o manganês é um minério básico fundamental para a indústria siderúrgica, e assim possui pouca possibilidade de agregação de valor, em etapas de beneficiamento intermediário, a não ser sob a forma primária de pelotização. Ele difere do minério de ferro ou da hematita, que pode se transformar em ferro-gusa, ferro-esponja e ferro-ligas, mesmo sem entrar no campo da siderurgia, o que possibilita um grande efeito multiplicador, o que também ocorre com a bauxita, pela sua transformação intermediária em alumina e alumínio metálico, como já vem ocorrendo no Pará, com a Albrás, pertencente ao grupo de Vale do Rio Doce, associada anos japoneses da Nipon, e em São Luís do Maranhão, com a Alumar, do grupo Alcoa, Billington-Shell e Camargo Corrêa.

Qualquer que seja, no entanto, a origem dessa defasagem no seu desenvolvimento, o que pode ser agravado, mais ainda, pela fase final de exaustão de suas minas, é evidente que as suas estratégias demográficas e econômicas são modestas. Em termos demográficos, a sua base populacional evoluiu de 37.477 habitantes em 1950 para 217.000 habitantes, estimados em 1985. Em termos econômicos, o manganês, a despeito de haver produzido desde os anos 50, a produção anual continua representando mais da metade da exportação total do país, como revelam as estatísticas do período 1983/1985, quando foram produzidas 1,629, 2,201 e 1,946 milhões de toneladas, respectivamente no período acima, que geraram Us\$55,0, Us\$45,0 e Us\$47,0 milhões, em exportação no triênio acima.

Vale ressaltar que o Governo do Território recebe, como royalties, 5% do valor FOB nas primeiras 500.000 toneladas e 10% sobre as quantidades compreendidas entre 500.000 e 1.000.000 toneladas. O valor dessa contribuição serviu, inclusive, para o financiamento da primeira hidrelétrica construída na Amazônia, a do Paredão.

Examinando, no entanto, o quadro da atividade pecuária, verificamos a pobreza estatística que se evidencia pelo pequeno rebanho bovino de 46.901 cabeças, 20.965 suínos e 311.946 cabeças de aves. Dessa produção a micro-região maior produtora é a de Amapá/Oiapoque, no litoral e na fronteira norte, sobretudo no município de Amapá, com 22.377 cabeças, seguida da micro-região de Macapá, sendo de destacar o município de da capital, com 16.652 bovinos e um plantel de 296.286 cabeças de aves. Os demais municípios como Mazagão, Calçoene e Oiapoque têm participação insignificante no cômputo geral, que como já dissemos, é bastante modesta.

Outro ponto a assinalar, é que a região amapaense tem uma grande área de vegetação savânica, com solos distróficos ou oligotróficos, que dificulta o crescimento das fazendas, e também merece destaque o número pequeno de estabelecimentos bovinos, apenas 757, o que faz crer que a região deve ser dominada por grandes latifúndios improdutivos, que funcionam como reserva de valor, a espera de especulação futura.

Em época mais recente, vem sendo dada mais atenção à pesca camaroneira no litoral atlântico, graças a riqueza biológica das águas barrentas do rio Amazonas, que são jogadas para a costa pela corrente do golfo, bem como a criação desse crustáceo, em regime de confinamento, as plantações de dendê e do reflorestamento, pois parte do Território confina com o rio Jari, que pertenceu a Daniel Ludwig, do grupo Jari Florestal, posteriormente encampado por um grupo de 18 empresas brasileiras, entre elas, a liderada pelo grupo Azevedo Antunes e com participação do Banco do Brasil e outros grupos que nacionalizaram o tão discutido e polêmico projeto.

PRODUÇÃO DE LEITE

1976/1986

Unidades da Federação	1976		1986		Quant.: 1.000 litros
	Quantidade mil litros	Valor Us\$1,00	Quantidade mil litros	Valor Us\$1,00	Quant. Δ % 1986 1976
PARÁ	22.901	6.176.635	209.366	58.816.775	814,2
RONDÔNIA	2.598	971.028	64.866	11.938.684	24.867,6
AMAZONAS	10.353	2.834.579	28.857	8.867.823	178,7
ACRE	10.409	3.268.224	16.483	4.362.906	58,3
RORAIMA	6.412	2.396.261	6.320	5.251.193	(-) 1,5
AMAPÁ	800	262.616	1.657	553.073	107,1
TOTAL	53.473	15.909.343	327.549	89.790.454	512,5
POPULAÇÃO (hab)	4.347.400		7.894.100		
PRODUÇÃO PER CAPITA	12,29 l/ano		41,49 l/ano		

Fonte: IBGE, Anuários Estatísticos 1976/1986

Obs: 1) Tabulação, mapeamento, cálculos de conversão feitos pelo autor. A conversão em dólares foi feita tomando por base os valores de cruzeiros (1976) e cruzados (1986), e após convertê-los em cruzados novos transformados em US dólares, com base na cotação média anual da taxa de câmbio, calculada mês a mês, para evitar distorções. No caso acima, a taxa média anual do dólar, em cruzados novos, foi de NCz\$0,01383 para 1986 e NCz\$0,000107 para 1976.

2) Observe-se que a produção de leite na Amazônia subiu 512,5%, no decênio 1976/1986, passando de 53.473.000 litros para 327.549.000 litros. Em 1976, a produção per capita foi de 12,29 litros por ano, enquanto em 1986 essa produção per capita atingia a quantidade de 41,49 litros por ano, o que significa uma grande melhoria na oferta desse alimento básico para alimentação infantil e humana. Em termos de dólares, os valores subiram de Us\$15,9 milhões em 1976 para Us\$39,7 milhões em 1986.

AVICULTURA - EFETIVO E VALOR

Estados	1969			1980			1986		
	Quant.cabeças	NCz\$1,00	Us\$1.000	Quant.cabeças	NCz\$1,00	Us\$1.000	Quant.cabeças	NCz\$1,00	Us\$1.000
PARÁ	3.392.000	12,702	3.105	8.270.000	1.101	20.510	11.499.753	565.952	40.922
RONDÔNIA	120.000	0,826	202	2.483.000	297	5.532	3.966.466	91.220	6.595
AMAZONAS	1.983.000	7,232	1.768	2.509.000	385	7.172	2.038.859	66.133	4.781
ACRE	1.006.000	3,722	910	1.228.000	217	4.042	1.437.495	63.420	4.585
NORAIMA	139.000	1,081	201	203.000	30	558	346.208	16.872	1.219
AMAPÁ	184.000	0,573	244	288.000	28	521	264.199	9.897	715
TOTAL	6.824.000	26,136	6.430	14.981.000	2.058	38.335	19.552.980	813.494	58.817

Fonte: IBGE, Anuários Estatísticos 1970, 1981 e 1987.

Tabulação, mapeamento e cálculos de conversão do autor.

Taxas de conversão novo cruzado/dólar - 1986 = Us\$1,00 = NCz\$0,01383
 1980 = Us\$1,00 = NCz\$0,00005368
 1969 = Us\$1,00 = NCz\$0,00000409

Entre 1969 a 1986 houve um dramático crescimento de 186% no efetivo avícola. Este aumento, em parte, se deve ao crescimento da produção de milho no Pará (178.852 ton) e Rondônia (189.134 ton), na safra de 1987, bem como a instalação de fábricas de ração e a instalação de granjas por colonos japoneses. Porém, apesar desse avanço, grande parte do consumo de aves na Amazônia, ainda provem do sul do país, que remetem os frangos congelados para consumo local.

EFETIVO AVÍCOLA

(cabeças)

Estados e Territórios	1970	1980	1985	Δ $\frac{1985}{1970}$
Pará	3.938.540	7.579.664	8.287.071	110%
Rondônia	309.878	2.377.694	3.808.321	1.128%
Amazonas	1.984.757	2.480.867	2.071.706	- 4%
Acre	880.292	1.090.603	1.417.190	61%
Amapá	100.540	217.822	311.946	210%
Roraima	162.450	182.001	308.556	90%
Total Amazônia	7.376.457	13.928.651	16.204.790	119%
Total Brasil	213.622.503	413.179.594	429.732.436	101%

Fonte: IBGE, Anuários Estatísticos 1985/1986 e Censo Agropecuário de 1985.

Tabulação comparativa e incrementos percentuais calculados pelo autor. O efetivo avícola refere-se apenas a galos, galinhas, frangos e pintos.

PRODUÇÃO DE OVOS DE GALINHA
CENSO ECONÔMICO DE 1985

Unidade: 1.000 dúzias

Estados e Territórios	1969	1980	1985	Δ% 1985/1969
PARÁ	5.868	12.481	18.785	220
AMAZONAS	3.625	7.519	10.948	202
RONDÔNIA	353	3.311	7.310	1.970
ACRE	1.400	1.534	2.919	108
AMAPÁ	219	824	631	188
RORAIMA	119	341	395	232
TOTAL AMAZÔNIA	11.584	26.010	40.988	253
TOTAL BRASIL	809.491	1.303.439	2.139.458	164

Fonte: IBGE, Anuários Estatísticos 1972/1982/1986

Obs: Mapeamento, tabulação e variação percentual feitos pelo autor.

Usamos a produção de ovos de 1969 por não dispormos dos dados relativos a 1970.

A produção de ovos na Amazônia é limitada, em função do alto preço do milho e das rações balanceadas. O Estado mais afetado por essa situação é o Amazonas, em virtude da diminuição do efetivo das aves que, de 2,48 milhões de cabeças em 1980 caiu para 2,07 milhões em 1985, por fatores de ordem política-fiscal, como também por motivo do alto custo de manutenção das granjas e da produção de ovos. O ovo é, no entanto, ainda, o alimento mais barato das classes de baixa renda, sendo o concorrente do peixe jaraqui, na época da safra e da piracema.

PRODUÇÃO DE PESCADO NA AMAZÔNIA
PEIXES E CRUSTÁCEOS

1983/1985

QUANTIDADE PRODUZIDA (ton):

Unidades da Federação	T O T A L			P E I X E S			CRUSTÁCEOS E OUTROS		
	1983	1984	1985	1983	1984	1985	1983	1984	1985
Pará	107.899	89.867	93.786	88.392	74.235	72.666	19.507	15.632	21.119
Amazonas	38.213	56.076	46.611	38.212	56.076	46.611	-	-	-
Anapá	3.661	3.479	4.142	3.460	2.841	3.244	201	639	899
Acre	2.619	3.449	3.089	2.619	3.449	3.089	-	-	-
Rondônia	2.491	2.196	2.040	2.491	2.196	2.040	-	-	-
Roraima	117	73	71	117	73	71	-	-	-
Total Amazônia	155.000	155.140	149.739	135.290	138.869	127.717	19.710	16.271	22.021
Total Brasil	880.696	958.908	971.537	782.314	846.806	847.795	97.984	117.776	123.080

Fonte: IBGE, Anuário Estatístico 1986.

Nota do autor: Crustáceo: animal da família dos artrópodes, cuja característica principal é ter a cabeça e o tórax fundidos numa só peça (cefalotórax), ex: camarão, carangueijo, lagosta, etc. Na coluna dos outros, incluído na coluna dos crustáceos, estão os moluscos, quelônios e mamíferos aquáticos, cuja produção é insignificante, apenas 5.168 t no triênio 1983/1985, enquanto os crustáceos (camarão, lagosta, carangueijo) tinham a sua produção nesse período de 54.817 t (96,5% do total). A maior produção de crustáceos foi a do Pará. No total Brasil foram produzidos 12.782 t de mamíferos aquáticos (provavelmente a caça da baleia na Paraíba, agora, em 1988, proibida por lei). Diferenças apresentadas entre a soma das parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.

PRODUÇÃO DE PESCADO NA AMAZONIA
Peixes e Crustáceos
1975 - 1986

Quantidade Produzida (ton) e Valor

		Quantidade (ton)			Valor	
		Peixes	Crustáceos	Total	NCr\$	US\$ mil
PARÁ	1975	58.202	6.740	64.942	200.198	24.266
	1986	74.034	14.702	88.736	905.464,00	65.471
AMAZONAS	1975	59.767	-	59.767	125.554	15.210
	1986	45.646	-	45.646	426.716,00	30.054
AMAPA	1975	815	39	854	2.462	290
	1986	3.400	792	4.272	44.826,00	3.241
ACRE	1975	595	-	595	3.455	410
	1986	3.727	-	3.727	43.966,00	3.179
RONDONIA	1975	1.223	-	1.223	3.209	390
	1986	2.009	-	2.009	23.198,00	1.677
RORAIMA	1975	199	-	199	15.229	1.845
	1986	92	-	92	1.612,00	116
TOTALS	1975	120.801	6.779	127.580	350.187	42.443
	1986	129.060	15.494	144.562	1.445.702	104.530

Fonte: IBGE - Anuários Estatísticos 1980/1970.

- 1) Mapeamento, montagem, cálculo e conversão em dólares do autor. Taxa de câmbio usada para 1978 - 0,00000025 e para 1986 - 0,01305.
- 2) Praticamente a produção de pescado na Amazônia se mantém estável no período de 1975 a 1986, com um insignificante aumento de 6,02 em 11 anos, a despeito do enorme crescimento populacional de 2.255.600 (1975) para 7.094.100 em 1986, com um incremento demográfico de 249%.
- 3) Tudo indica que está havendo uma exaustão nos estoques pesqueiros, sobretudo daquelas espécies mais nobres e procuradas como pirarucu, tambaqui, tucunaré, quer decorrente da pesca ambiciosa ou proveniente da ausência de uma política de manejo pesqueiro para a proteção das espécies nas épocas de piracema e desova, quando deveria haver o "interdito", como hoje começa a ser implementado pela SUDEPE. Outra hipótese é que a população ao se urbanizar mudou os seus hábitos alimentares para se alimentar de outros produtos como frango e outros gêneros mais baratos, dado os custos mais elevados do peixe. Também, deve-se considerar que uma grande parte da pesca do interior não figura nas estatísticas oficiais, pois é capturado para consumo próprio. Calculo que esse mercado informal no interior e na periferia das cidades atinja a cerca de 70.000 ton/ano, o que somado com a produção oficial de 129.000 dará um total aproximado de 200.000 ton/ano de captura. No Estado do Pará verificou-se um aumento da produção em virtude do aumento da pesca da piramutaba, surubin e outros peixes de pele para exportação. Assim como da pesca do camarão rosado que em 1986 atingiu a 15.493 ton, no valor de NCr\$335.055 (ou US\$24.204.526) quase todo ele exportado para o exterior, pescado no litoral amapaense, e cujo preço no mercado alcança hoje US\$15,00 por Kg. Já no Estado do Amazonas se observa um declínio acentuado na captura que indica a depleção dos estoques pesqueiros ou o aumento da economia informal para consumo local ou para exportação para o sul do país.

PRODUÇÃO EXTRATIVA MINERAL DA AMAZÔNIA (REGIÃO NORTE)

Produtos	1986	NCz\$1,00	Us\$1,00
ALUMÍNIO (bauxita bruta) (ton)	6.652.642	-	-
ALUMÍNIO (bauxita beneficiada) (ton)	4.668.993	1.671.439	120.860.375
CALCÁREO BRUTO (ton)	867.851	-	-
CALCÁREO BENEFICIADO	28.977	124.070	8.971.077
CAULIM BRUTO (ton)	465.820	-	-
CAULIM BENEFICIADO (ton)	250.778	332.231	24.026.102
DIAMANTE BENEFICIADO (quilate)	13.057	-	-
ESTANHO BRUTO (cassiterita) (1.000 m ³)	17.256	5.195	375.632
ESTANHO BENEFIC. (cassiterita) (1.000 m ³)	43.177	2.299.445	166.265.003
FERRO BRUTO (ton)	18.663.591	-	-
FERRO BENEFICIADO (ton)	14.102.324	1.367.925	98.909.978
GEMAS (ton)	209	18.233	1.318.365
MANGANÊS BRUTO (ton)	2.241.710	-	-
MANGANÊS BENEFICIADO (ton)	1.722.559	914.260	66.107.013
NIÓBIO (ton)	312	4.274	309.038
OURO BENEFICIADO (kilos)	12.117	2.680.010	193.782.357
T O T A L		9.417.192	680.924.940

Fonte: IECE, Anuário Estatístico 1988 e autor.

Obs: A produção de ouro, sem dúvida, está sub-estimada, pois grande parte da extração desse minério é desviada para a economia informal. Segundo declarações do antigo Diretor do DNEM, a produção amazônica deve situar-se entre 50 a 100 ton/ano, uma vez que o número de garimpeiros também situam-se entre 500.000 a 1.000.000. No caso da produção de 50 ton/ano, a preços atuais de 1989, a Us\$100 a onça troy de 31,1 gramas, teríamos um valor de cerca de Us\$13.000 por kg, ou um total de Us\$650 milhões, quase o valor de toda a produção mineral registrada pelo IECE em 1986. Nessas estatísticas, provavelmente, não figura a produção de alumínio metálico de Albrás, de Barcarena-Pará, que se estima em cerca de 150 a 200.000 ton/ano. Como o preço do alumínio em lingotes subiu muito neste ano (cerca de Us\$1.900 por ton), conclui-se que somente a produção do alumínio metálico paraense deve alcançar Us\$722 milhões/ano, caso as atuais elevadas cotações permaneçam.

Pelos motivos acima apontados, chega-se à conclusão de que a produção mineral amazônica, hoje, deve alcançar Us\$2 bilhões.

PRODUÇÃO INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO - 1984
ESTABELECIMENTO - MÃO-DE-OBRA - VALOR DA PRODUÇÃO

Estados e Territórios	Estabelecimentos	mão-de-obra	Valor Produção NCz\$1,00	Equivalência em Us\$1.000
AMAZONAS	486	27.439	2.770.092	1.420.560
PARÁ	1.780	41.162	1.461.898	749.691
RONDÔNIA	340	6.261	241.446	123.818
ACRE	87	1.778	43.456	22.285
AMAPÁ	63	2.134	51.484	26.402
RORAIMA	23	390	7.052	3.616
TOTAL	2.779	79.164	4.575.428	2.346.372

Fonte: IBGE, Anuário Estatístico 1984.

Obs: Tabulação, mapeamento e conversão em dólares equivalentes (Us\$1,00 = = NCz\$0,00195), feitos pelo autor.

Verifica-se, pelos dados acima, quão precárias são as estatísticas brasileiras, tanto setoriais, regionais como nacionais no caso, por exemplo, da produção do Distrito Industrial da Zona Franca de Manaus e no interior da Amazônia Ocidental, os dados obtidos na Suframa, para o ano de 1985, são os seguintes: 401 empresas industriais, com um nível de emprego de 76.931 trabalhadores e um valor de produção industrial de Us\$2.682.300.000,00. Para o ano passado de 1988, o valor da produção atingiu a Us\$5,4 bilhões, com uma mão-de-obra de 72.011 empregados.

Os números acima encontram-se, hoje, totalmente superados, pois também no Estado do Pará, o valor da produção e do emprego industrial subiu muito em consequência da maturação dos grandes projetos de mineração e metalurgia, com grandes reflexos no incremento do PIB paraense e no balanço do comércio exterior.

Conforme informações colhidas, pessoalmente, na Secretaria de Planejamento do Estado do Pará, a exportação para o exterior desse Estado deve ter ultrapassado a Us\$2 bilhões, em 1988, sem contar com a exportação do porto de São Luiz que, em grande parte, é feita com insumos e minérios provenientes do Estado do Pará.

Creio, pois, que podemos estimar o valor da produção industrial da Amazônia Clássica dos 6 Estados acima, no ano de 1988, deve ter ultrapassado a Us\$10 bilhões. Estamos falando em valor de produção e faturamento bruto. Evidente que, se levamos em consideração apenas o agregado do valor da transformação industrial, esse número será bem menor.

CAPACIDADE GERADORA INSTALADA DAS USINAS DE ENERGIA ELÉTRICA NA AMAZÔNIA (RN)

Capacidade instalada em MW

Unidades da Federação	1975			1987		
	Total	Hidráulica	Térmica	Total	Hidráulica	Térmica
RONDÔNIA	14	-	14	204	3	201
ACRE	12	-	12	64	-	64
AMAZONAS	120	-	120	447	-	447
RORAIMA	5	-	5	39	-	39
PARÁ	183	-	183	2.878	2.710	168
AMAPÁ	64	40	24	64	39	25
TOTAL	398	40	358	3.696	2.752	944

Fonte: IBGE, Anuários Estatísticos 1976/1988. Tabulação do autor.

Obs: O crescimento da oferta de energia elétrica, no período 1975/1988, foi de 828%. Em 1975 havia a predominância absoluta de energia térmica, movida a óleo diesel ou óleo combustível, tendo o Amapá apresentado a primeira usina hidrelétrica do Paredão com 40 MW. No início da década dos anos 80, entrou em operação a Usina de Curuá-Una, perto de Santarém, que hoje possui uma capacidade instalada de 30 MW. Posteriormente, nos anos 80, entrou em operação a maior usina hidrelétrica brasileira (Tucuruí, no rio Tocantins) com capacidade instalada de 3.000 MW na sua primeira fase, devendo dobrar essa capacidade, com um considerável custo marginal de investimento. No Amazonas, a discutida Usina de Balbina, no rio Uatumã, com 5 turbinas de 50 MW, entrou em operação com a sua primeira turbina em fevereiro de 1989, a segunda em março e a terceira em abril do corrente ano, perfazendo, assim, uma capacidade geradora instalada de 150 MW, para uma demanda média de 250 MW e 300 MW no pico, de procura. Cada turbina de Balbina economiza, por dia, 340.000 litros de óleo diesel, ou 122 milhões de litros por ano. Cada turbina economiza, assim, Us\$76.840 por dia de óleo diesel (custo do litro NCz\$0,226 em 23.3.89), ou Us\$2,3 milhões por mês, ou Us\$27 milhões/ano. As três turbinas irão, assim, proporcionar uma redução de consumo desse combustível de cerca de Us\$82 milhões/ano. Existe muita controvérsia sobre o impacto ambiental de Balbina, pois a barragem criou um lago-reservatório de cerca de 230.000 ha de floresta inundada, igual à de Tucuruí, para produzir 12 vezes menos. A outra usina, em fase final de construção, a de Samuel, no rio Jamari, em Rondônia, com 230 MW de capacidade, apresenta as mesmas objeções dos ecologistas.

CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA

1985/1987

UNIDADE: GWH

Unidades da Federação	1985	1986	1987	1987/1985 / %
PARÁ	2.127	3.852	4.973	133,8
AMAZONAS	1.056	1.239	1.387	31,3
RONDÔNIA	372	449	505	35,7
AMAPÁ	136	160	174	27,9
ACRE	109	123	138	26,6
RORAIMA	69	77	87	26,0
TOTAL	3.869	5.900	7.264	87,74
MARANHÃO	2.599	4.301	4.587	76,49

Fonte: Ministério das Minas e Energia. IBGE, Anuário Estatístico 1988.

- Obs: 1. O extraordinário incremento do consumo de energia elétrica no Pará deve-se à disponibilidade criada pela implantação da grande Hidrelétrica de Tucuruí e da indústria eletro-intensiva como a Albrás em Barcarena (Pará). O mesmo fato ocorre no Maranhão, devido à Alumar (Alumínio do Maranhão) em São Luis.
2. O consumo na Amazônia (Região Norte) em 1987 foi de 7.264 Gwh, sendo 4.116 Gwh para uso industrial, 1.432 Gwh para consumo residencial, 882 Gwh para utilização comercial, e apenas 16 Gwh destinado ao meio rural e mais 818 Gwh para outros. Por aí se vê que ainda há muito que fazer em termos de eletrificação rural para internalizar o uso da energia no campo, dando o mínimo de conforto para a sobrevivência das populações rurais.

EXPORTAÇÃO PARA O EXTERIOR - 1985, 1987
Valores em US dollar (US\$1.00)

	1977	1985	1986	1987	1987 ΔX 1985
PARA	<u>150.291.000</u>	<u>393.367.000</u>	<u>521.615.000</u>	<u>729.397.000</u>	85,42%
. Belém	146.688.000	237.703.000	364.899.000	571.028.000	
. Munguba	-	61.810.000	79.529.000	84.783.000	
. Obidos	3.213.000	86.000	-	180.000	
. Ouriximiná	-	93.070.000	76.422.000	70.991.000	
. Santarém	390.000	698.000	765.000	1.695.000	
AMAZONAS	<u>28.511.000</u>	<u>52.679.000</u>	<u>39.342.000</u>	<u>50.099.000</u>	-4,9%
. Manaus	25.777.000	50.926.000	36.653.000	46.434.000	
. Itacoatiara	2.073.000	1.753.000	2.575.000	2.964.000	
. Tabatinga	151.000	-	114.000	701.000	
. Parintins	510.000	-	-	-	
AMAPA	<u>35.212.000</u>	<u>39.707.000</u>	<u>30.006.000</u>	<u>34.227.000</u>	-13,8%
RONDÔNIA	<u>2.816.000</u>	<u>4.093.000</u>	<u>7.963.000</u>	<u>8.150.000</u>	99,1%
RORAIMA	<u>1.694.000</u>	<u>411.000</u>	<u>267.000</u>	<u>539.000</u>	31,1%
ACRE	<u>4.373.000</u>	<u>102.000</u>	<u>5.000</u>	<u>11.000</u>	-89,7%
MARANHÃO (S. Luís)	<u>9.493.000</u>	<u>84.870.000</u>	<u>346.729.000</u>	<u>547.737.000</u>	545,3%
Total Amazônia (Região Norte mais Maranhão)	<u>232.390.000</u>	<u>575.229.000</u>	<u>945.927.000</u>	<u>1.370.160.000</u>	138,2%

Fontes: IBGE, Anuário Estatístico, 1988. Tabulação do autor.

Obs.: 1) A exportação direta do Amazonas recuperou-se no ano de 1988 quando alcançou US\$72.236.714, ou seja, mais 37,1% sobre o ano de 1985. Se for computada a exportação de estanho de Pitinga feita pelos portos do Rio e Santos (US\$100 milhões), juta, madeira e eletrônicos, a exportação direta e indireta deve ter alcançado US\$300 milhões em 1988.

2) Grande parte da exportação de Rondônia - sobretudo cacau, café, madeira, estanho e ouro é feita pelos portos de Santos, Salvador, Manaus e Belém, quando não desviada para a Bolívia, Paraguai ou vendida no mercado informal.

3) A exportação do Pará revela um extraordinário dinamismo graças à exportação de minerais (aluminio da Albras, bauxita da Mineração Rio do Norte (Ouriximiná), caulim e celulose (Jari e Munguba). Grande parte porém de sua exportação no entanto é feita pelo porto de São Luís, através do escoamento do minério de ferro da Serra do Carajás para os portos maranhenses de Ponta da Madeira e Itaqui. A exportação paraense em 1987 assim deve ter ultrapassado a US\$1 bilhão se incluirmos a exportação do minério paraense exportado pelo Maranhão. Segundo estamos informados, a exportação paraense em 1988 ultrapassa a US\$2 bilhões.

4) O extraordinário incremento de 138,2%, entre 1987/1985, deve-se a grande contribuição do setor mineral (ferro, aluminio, alumina, bauxita, cassiterita, caulim, manganês), além do setor agrícola (pimenta-do-reino, cacau, café), pesqueiro (camarão), florestal (madeira e celulose) e industrial (Zona Franca de Manaus). A exportação da Amazônia Clássica (Região Norte) mais Maranhão, de US\$1,37 bilhão em 1987, deve ter ultrapassado a US\$3 bilhões em 1988, se nela computarmos a exportação amazônica indireta feita pelos portos do centro-sul, graças às facilidades propiciadas pelo rápido transporte rodoviário da Belém/Brasília, Santarém/Cuiabá e Porto Velho/Cuiabá/São Paulo.

IMPORTAÇÃO DO EXTERIOR - 1985/1987

Valores em Us\$ 1,00

Estados e Territórios	1985	1986	1987
PARÁ	108.631.000	133.974.000	185.146.000
AMAZONAS	477.841.000	848.865.000	737.794.000
RONDÔNIA	7.326.000	5.898.000	4.782.000
AMAPÁ	30.000	555.000	82.000
ACRE	-	-	147.000
RORAIMA	334.000	800.000	13.000
TOTAL	957.798.000	990.092.000	927.964.000

Fonte: IBGE, Anuário Estatístico 1988.

Obs: As importações do Amazonas são devidas à Zona Franca de Manaus, cuja quota original em 1987 foi Us\$610.000.000, assim distribuída: Us\$460 milhões para a indústria, Us\$90 milhões para o comércio, Us\$5 milhões para serviço, Us\$4 milhões para a mineração, Us\$3 milhões para a Amazônia Ocidental (Dec-lei nº 356), e Us\$48 milhões para reserva especial. Esta quota original recebeu uma complementação adicional de Us\$94 milhões, perfazendo uma quota global de Us\$704 milhões em 1987. O valor total do faturamento do Distrito Industrial da Zona Franca de Manaus (401 empresas industriais), nesse ano de 1987, foi de cerca de Us\$4,5 bilhões (relação insumos importados/produtos industriais fabricados e vendidos = Us\$1,00/Us\$9,78).

ARRECAÇÃO FEDERAL - REGIAO AMAZONICA (Região Norte) - 2ª Região Fiscal

Período Janeiro/Dezembro 1988

Unidade = Cruzados Novos - NC\$1,00

Tributos	Arrecadação 2ª Reg. Jan/Dez 1987	Arrecadação 2ª Reg. Jan/Dez 1988	Delegacia Belém 1988	Delegacia Manaus 1988	Delegacia Porto Ve- lho 1988	Delegacia Macapá 1988	Delegacia Santarém 1988	Delegacia Boa Vista 1988	Delegacia Rio Bran- co 1988	Delegacia Monte Doy- rado 1988
1. Comércio Exterior	2.459.240	18.603.868	781.979	9.746.596	70.563	132	2.386	2.844	240	0
- Importação	2.026.578	9.844.009	574.888	9.261.531	5.083	75	228	2.044	240	0
- Exportação	4.609	17.821	14.884	59	0	0	2.878	0	0	0
- T.Melhoramentos Portos	428.061	742.838	192.207	485.006	65.560	57	0	0	0	0
2. I.P.I.-total	5.778.284	24.044.053	10.527.291	5.218.814	141.879	70.881	67.483	2.025	6.458	1.372
- Fumo	3.965.318	15.837.874	13.836.919	0	155	0	0	0	0	0
- Industrial/Vinculado	1.804.974	8.206.979	2.690.372	5.218.814	141.724	70.881	67.483	2.025	6.458	1.372
3. Imposto de Renda-total	6.766.983	41.863.132	33.231.648	18.367.238	3.716.477	1.312.567	1.044.534	1.881.644	1.960.057	342.173
- IR Pessoa Física	778.432	5.296.553	2.286.282	1.585.356	467.893	198.992	328.346	136.958	297.513	12.893
- IR Pessoa Jurídica (antecip./duod./ad-cot/ esp. s/adicional)	2.299.459	18.125.221	8.919.734	4.138.145	1.533.756	278.312	413.174	238.254	688.418	11.436
- IR Pessoa Jurídica (lançamento suplementar)	157.464	11.182.686	10.388.827	371.663	256.286	51.219	77.769	59.538	45.489	14.613
- IR Fonte	3.539.558	26.468.752	11.719.883	18.288.864	1.459.342	792.844	233.245	646.894	1.825.455	384.833
4. Impostos Únicos Especiais	2.686.573	19.338.951	7.731.264	5.578.684	2.782.994	982.855	1.838.784	335.116	122.974	46.368
- IUEC - Energia Elétrica	363.227	2.348.759	2.204.588	0	0	136.171	0	0	0	0
- IUM - Minerais	1.227.788	9.798.142	3.557.378	1.385.466	2.898.338	712.299	1.838.784	165.531	1.994	46.368
- IULC - Combustíveis	532.456	3.258.976	46.854	3.284.922	0	134.305	0	0	0	0
- ISSC - Comunicações	563.104	3.941.874	1.923.244	988.216	612.664	3.009	0	0	0	0
5. Outros Tributos	518.248	3.188.388	448.486	339.661	169.664	1.262.298	2.251	847.082	38.753	0
- Imp. territoriais	361.367	2.897.269	1	1	0	1.255.818	0	841.457	0	0
- IST - transportes	156.881	1.803.111	448.485	339.660	169.664	6.480	2.251	6.425	38.753	0
6. Finsocial	1.656.892	13.478.761	3.127.748	8.457.821	1.877.459	186.871	177.117	187.168	388.273	37.118
NC\$1,00	19.857.344	131.615.137	63.048.408	47.699.926	7.877.421	3.743.524	3.132.395	2.453.879	12.429.557	427.827
US\$1,00	478.951.857	1451.726.856	1219.139.236	1163.714.737	127.836.727	112.848.448	18.758.943	18.429.819	18.338.677	11.465.633

Fontes Superintendência Regional da Receita Federal - 2ª Região Fiscal.

A diagramação, tabulação, síntese estatística, e o mapeamento geral comparativo entre as delegacias são do autor. A arrecadação por delegacias foi feita por ordem decrescente de importância da receita do novo Estado do Tocantins, que faz parte da Região Norte, deve estar computada no Estado de Goiás. A conversão da arrecadação foi transformada em cruzados novos (15/01/89) e a equivalência em dólares foi feita pelo autor, tomando por base a média simples anual calculada pelas cotações mensais do dólar no último dia de cada mês. Assim, a média dessa variação cambial dos doze meses reflete melhor a paridade cruzado/dólar. Assim, para o ano de 1988, a taxa do dólar calculada foi de NC\$18,29136, em 1987 foi de NC\$18,84146 (ao invés da média de NC\$43,57 anteriormente usada que resulta numa receita de US\$455.757.906. Esta nova metodologia evita a grave distorção causada pela hiper-inflação que retirou da moeda nacional a função de comparação e denominação comum de valores. No entanto persiste a não inclusão dos efeitos da sazonalidade da arrecadação na sua conversão em dólares, pois o método correto seria transformar a arrecadação mensal pela média do câmbio do mês. Como esse dado não é disponível, a aproximação acima adotada, acreditamos ter sido a menos vulnerável a essas distorções. Não foi computado, também, o efeito da desvalorização do dólar no mercado internacional.

DESPESA DO TESOURO NA AMAZONIA (2ª Região Fiscal)

1985/1987

em Cruzados Novos e US dólares
(NCz\$ 1,00) (US\$ 1,00)

	1985		1986		1987	
	NCz\$	US\$	NCz\$	US\$	NCz\$	US\$
PARA	1.161.961	178.625.026	3.350.805	242.285.249	8.274.911	199.587.817
AMAZONAS	559.307	85.981.091	1.396.788	100.996.963	7.641.935	184.320.670
RONDONIA	1.139.845	175.225.980	3.077.820	222.546.637	7.969.578	192.223.299
AMAPA	353.221	54.761.106	1.006.910	72.006.796	3.441.532	83.000.490
ACRE	205.247	43.850.422	890.857	64.414.822	3.264.809	78.747.925
RORAIMA	266.492	40.967.255	758.248	54.826.319	2.744.191	66.188.880
TOTAIS	3.769.073	579.411.680	10.481.436	757.876.786	33.337.036	804.077.083

Fonte: Ministério da Fazenda, Secretaria do Tesouro Nacional, Anuário IBGE 1988.

- Obs.: 1) Infelizmente a despesa realizada pelo Tesouro dos Estados não está desdobrada por tipos de entidade ou classes. Os dados globais permitem, no entanto, demonstrar que a despesa da União nos Estados Amazônicos (Região Norte) em 1987 (US\$804.077.083) foi superior a 38,7% sobre a despesa de 1985 (US\$579.411.680) e apenas 6% a mais sobre 1986.
- 2) A despesa do Tesouro Nacional na Amazônia de US\$804.077.083 foi 67,8% superior ao total da arrecadação da Receita Federal no referido ano de 1987 (US\$478.931.857).
- 3) Houve um crescimento significativo das despesas do Tesouro no Estado do Amazonas em 1987 (+82,5% sobre 1986) o que veio corrigir as situações nos anos anteriores quando este Estado era fortemente discriminado em relação ao rateio das despesas do Tesouro, tanto de custeio como de investimento. A forte participação do Tesouro em Rondônia explica-se pelo fato da União ainda arcar com as despesas dos funcionários públicos, conforme lei que transformou o antigo Território em Estado.

ARRECAÇÃO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL NA AMAZÔNIA - REGIÃO NORTE - 1985/1988

Estados	1985		1986		1987		1988	
	NCz\$1,00	Us\$1.000	NCz\$1,00	Us\$1.000	NCz\$1,00	Us\$1.000	NCz\$1,00	Us\$1.000
PARÁ, in- clusive AMAPÁ	761.134		2.107.786	152.406,7	5.956.000	143.656,5	53.266.973	182.859,5
AMAZONAS, in- clusive RORAIMA	498.738		1.517.058	109.693,2	4.521.000	109.044,8	34.356.318	117.941,3
ACRE, inclu- sive RONDÔNIA	331.469		1.039.398	75.155,3	2.077.000	50.096,4	15.592.868	53.528,5
TOTAL*	1.591.341		4.664.242	337.255,2	12.554.000	302.797,7	103.216.159	354.329,3

Fonte: IAPAS/DG Auditoria.

Obs: Mapeamento, tabulação e cálculos de conversão para dólares feitos pelo autor.

(18) MANAUS FREE ZONE

PROJECTS SET UP BY SUB-SECTOR, LOCATION AND LABOUR EMPLOYED, SEPTEMBER, 1988

SUB-SECTOR	Manaus Industrial District		other locations Manaus		interior Western Amazon		TOTAL	
	plants	labour	plants	labour	plants	labour	plants	labour
beverages	-	-	5	2,183	2	402	7	2,585
toys	3	507	1	94	-	-	4	601
leather, skins	1	27	1	120	1	25	3	172
printing & publishing	2	212	5	166	2	50	9	428
electric & electronic	54	31,467	25	5,748	-	-	79	37,215
lighters, ballpoint pens, cutlery	4	1,351	1	10	-	-	5	1,361
timber	2	513	23	3,513	68	4,696	93	8,722
machinery	10	1,104	5	157	-	-	15	1,261
metalworking	6	630	11	691	5	114	22	1,435
non-ferrous minerals	1	213	2	478	-	-	3	691
furniture	2	290	-	-	1	38	3	328
shipbuilding	1	50	5	675	1	66	7	791
optical	4	228	6	724	-	-	10	952
paper, cardboard	3	389	2	168	-	-	5	557
food products	1	60	16	1,233	5	157	22	1,450
chemicals	4	141	3	135	-	-	7	276
watchmaking	13	1,688	2	393	-	-	15	2,081
thermoplastics	7	2,341	4	965	-	-	11	3,306
textiles	1	60	4	3,100	-	-	5	3,160
2 wheel vehicles	3	2,667	2	754	-	-	5	3,421
apparel & footwear	1	45	5	203	-	-	6	248
miscellaneous	8	730	2	240	-	-	10	970
	131	44,713	130	21,750	85	5,548	346	72,011

source : SUFRAMA

note : data for chemicals sub-sector does not include labour at Manaus oil refinery

ZONA FRANCA DE MANAUS

PRINCIPAIS PRODUTOS FABRICADOS, EM UNIDADES (19)

PRODUTOS	PERÍODOS			
	1985 Jan/Dez	1986 Jan/Dez	1987 Jan/Dez	1988 Jan/Dez
ELETRÔELETRÔNICOS				
Aparelhos de TV	2.036.160 /	2.844.200 /	2.809.000 /	2.421.035 /
Vídeo cassete	65.071 /	161.300 /	281.000 /	221.763 /
Rádio portátil	1.411.450 /	1.609.957 /	1.268.000 /	1.348.492 /
Receiver	153.189 /	256.000 /	228.000 /	114.628 /
Toca disco	119.114 /	211.100 /	183.000 /	193.207 /
Gravador portátil	221.195 /	130.200 /	109.000 /	89.273 /
Calculadoras	1.800.086 /	2.346.000 /	1.388.500 /	1.149.056 /
Caixa registradora	12.684 /	36.600 /	15.000 /	18.962 /
Micro computador	40.200 /	32.900 /	22.000 /	15.707 /
OUTROS				
Telefone	314.152 /	409.300 /	774.000 /	439.886 /
Forno de micro ondas	27.370 /	70.300 /	90.000 /	126.237 /
Motocicleta, motoneta e ciclomotores	135.700 /	188.500 /	199.000 /	205.396 /
Bicicletas	70.000 /	89.700 /	79.000 /	47.493 /
Canetas	190.169.040 /	193.327.200 /	204.424.000 /	148.304.485 /
Máq. escrever	14.387 /	31.500 /	28.000 /	29.844 /
Fita audio cassete	2.766.182 /	5.873.000 /	6.828.000 /	10.307.106 /
Fita de vídeo cassete	448.828 /	1.258.800 /	2.429.000 /	3.043.449 /
Relógio de pulso/bolso	8.235.000 /	7.779.000 /	5.129.000 /	5.685.278 /
Óculos	294.564 /	456.400 /	399.000 /	633.807 /
Lentes (par)	2.946.576 /	4.386.850 /	5.310.000 /	4.908.642 /

Fonte: Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA

ZONA FRANCA DE MANAUS
FATURAMENTO INDUSTRIAL POR SUB-SETORES (20)

SUB-SETOR	VALORES EM US\$ MILHÕES				Nº de Empresas
	1985 Jan/Dez	1986 Jan/Dez	1987 Jan/Dez	1988 Jan/Dez	
ELETROELETRÔNICO	1.565,8 ✓	2.378,4 ✓	2.497,0 ✓	2.971,2 ✓	79 ✓
RELOJOEIRO	148,9 ✓	231,6 ✓	158,0 ✓	174,5 ✓	15 ✓
ÓTICO	27,2 ✓	38,3 ✓	36,0 ✓	36,3 ✓	10 ✓
VEÍCULOS DE DUAS RODAS	160,3 ✓	225,6 ✓	317,0 ✓	612,7 ✓	5 ✓
TERMOPLÁSTICO	-	79,3 ✓	86,0 ✓	126,9 ✓	11 ✓
BEBIDAS	-	38,9 ✓	39,0 ✓	47,6 ✓	7 ✓
METALÚRGICO	-	75,1 ✓	97,0 ✓	97,6 ✓	22 ✓
MECÂNICO	-	70,6 ✓	81,0 ✓	93,2 ✓	15 ✓
MADEIREIRO	-	37,7 ✓	37,0 ✓	44,8 ✓	93 ✓
QUÍMICO	333,9 ✓	397,9 ✓	401,0 ✓	461,1 ✓	7 ✓
TÊXTIL	-	95,2 ✓	114,0 ✓	153,3 ✓	5 ✓
ISQUEIROS, CANETAS E ARTS. DE CUTELARIA	98,3 ✓	100,9 ✓	114,0 ✓	131,1 ✓	5 ✓
DIVERSOS	347,5 ✓	530,5 ✓	166,0 ✓	539,3 ✓	72 ✓
TOTAL	2.682,3 /	4.300,0 /	4.143,0 /	5.489,6 /	346 /

Fonte: Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA

Obs: A produção industrial de US\$ 5,4 bilhões, em 1988, foi obtida com uma importância de importação de insumos, partes e componentes de cerca de US\$ 650 milhões, que se trata de uma redução importante relativamente de 1 dólar importado para 8 dólares produzidos. Cerequia com a incorporação de uma grande parcela de insumos e partes adquiridos no mercado nacional sendo o saldo de US\$ bilhão, imunitário financiador com quase 70% do total vendido no prazo ZFA.

DESTINAÇÃO DOS INVESTIMENTOS DOS PROJETOS APROVADOS PELA SUDAM
(ATÉ DEZEMBRO/1985)

Valores em OTN

SETORES	Recursos próprios	FINAM	OUTROS	Total OTN	US\$1.000
AGRO-PECUÁRIO	14.653.336	12.517.777	70.122.624	97.293.737	600.302
AGRO-INDÚSTRIA	5.634.184	2.919.520	21.755.724	30.309.428	187.009
INDÚSTRIA	53.267.891	17.094.530	287.531.678	357.894.099	2.208.206
SETORIAL	2.176.828	987.551	13.026.222	16.190.601	99.896
SERVIÇOS	12.488.298	1.751.217	90.685.956	104.925.471	647.390
TOTAL OTN	88.220.537	35.270.595	483.122.204	606.613.336	-
TOTAL US\$1.000	540.320	217.619	2.980.863	3.742.804	3.742.803

Fonte: SUDAM/Pesquisa de Campo/Avaliação da Política de Investimentos.

Obs: Os dados referentes as informações atuais (Dezembro 1985) prestados por 761 projetos dos 959 pesquisados.

Os recursos do FINAM são os provenientes dos artigos 17, 18 e 17/18 do Dec-lei nº 1376/1974.

A conversão da OTN em dólar foi feita tomando por base a última OTN mensal "cheia", de 15 de janeiro de 1989, quando foi congelada, adotando-se o novo padrão monetário do cruzado novo.

Pelos dados da SUDAM, o maior investimento industrial dos projetos aprovados foi feito no Estado do Amazonas, devido a Zona Franca de Manaus, com 192.274.834 OTN, equivalente a Us\$1.186.335.725, sendo que desse total apenas 3,7% proveiu dos recursos do FINAM (7.141.757 OTN ou Us\$44.064.640). No Estado do Pará, o investimento industrial foi de 136.255.428 OTN ou Us\$840,6 milhões, com 5,5% de recursos do FINAM.

O maior investimento agro-pecuário dos projetos aprovados pela SUDAM foi o do Estado do Mato Grosso, com 57.007.513 OTN, ou Us\$351,7 milhões, seguido do Pará, com 26.579.088 OTN, ou Us\$164,0 milhões, e do Estado do Tocantins (antigo Goiás, acima do paralelo 139), com 4.787.253 OTN, ou Us\$29,5 milhões. O Estado do Amazonas participou com um investimento agro-pecuário de 3.125.437 OTN, ou Us\$19,2 milhões, e Rondônia com 463.590 OTN, ou Us\$2,86 milhões. Do total do investimento agro-pecuário de Us\$600,3 milhões, apenas 12,9% foram provenientes dos recursos do FINAM.

Verifica-se, assim, que a maioria dos projetos agro-pecuários (até Dezembro/1985) se situaram na periferia da floresta amazônica, sobretudo no norte de Mato Grosso, sul do Pará e norte do Estado de Tocantins, na área de transição da floresta densa para o cerrado do Brasil Central.

PROJETOS APP

SUDAM

Composição dos investimentos por

Estado (até Dezembro de 1985)

Valores em OTN

Unidades da Federação	Recursos próprios	FINAM
AMAZONAS	33.571.397	8,1
RONDÔNIA	682.866	1,7
RORAIMA	403.265	1,0
ACRE	972.224	2,4
AMAPÁ	977.501	2,5
MARANHÃO	2.464.202	6,2
TOCANTINS	2.056.345	5,3
MATO GROSSO	15.050.483	38,8
PARÁ	32.042.254	81,6
TOTAL OTN	88.220.537	35,2
TOTAL Us\$1.000	544.320	2,1

ESTADOS	Total OTN	Total Us\$1.000
AMAZONAS	207.430.604	1.279.846
RONDÔNIA	6.814.782	42.047
RORAIMA	3.206.004	19.781
ACRE	6.567.680	40.522
AMAPÁ	6.932.625	42.774
MARANHÃO	19.792.829	122.121
TOCANTINS	13.591.659	83.860
MATO GROSSO	96.806.720	597.297
PARÁ	245.470.433	1.514.552
TOTAL OTN	606.613.336	-
TOTAL Us\$1.000	3.742.804	3.742.800

Fonte: SUDAM/Pesquisa de Campo/Avaliação

Obs: Os dados referem-se a informações de 761 projetos dos 959 projetados, pois quer nos parecer que apenas 761 projetos foram realizados dos 959 projetados.

A equivalência em dólar foi calculada com base na taxa de câmbio OTN por NCz\$6,17, que foi a utilizada em janeiro de 1989, quando a mesma foi congelada. O novo padrão do cruzado novo, igual a um dólar.

Esta metodologia da OTN mensal foi utilizada porque a OTN fiscal diária foi congelada no período 1985/1989, não acompanhando a realidade cambial.

Os recursos do FINAM são os previstos na Lei 1376/1974. Por estes recursos representam apenas 5,8% do total dos recursos (recursos próprios 5,8%, e outros 79,7%). O total alcançou Us\$3,7 bilhões, até dezembro de 1985.

de Investimentos.

até dezembro/1985) prestadas por SUDAM. Os dados desses 761 projetos, portanto, não refletem a confiabilidade do que os dados reais.

autor, multiplicando o valor da OTN, no dia 15 de janeiro de 1989, pelo novo padrão do cruzado novo.

causar alguma distorção, pois a metodologia utilizada não acompanha as variações da OTN, portanto, a real desvalorização cambial.

Os artigos 17, 18 e 17/18 do Decreto 1376/1974, portanto, esses recursos financeiros representam apenas 5,8% do investimento de todos os projetos.

PROJETOS BUDAM

EMPREGOS GERADOS POR SETOR E UNIDADE FEDERADA
(até Dezembro/1985)

Unidade Federada	Agro Pecuária	Agro Indústria	Indústria	Setorial	Serviço	Total
AMAZONAS	233	19	39.022	955	2.436	42.665
RONDÔNIA	73	-	58	-	-	131
RORAIMA	45	-	167	-	117	329
ACRE	48	253	275	-	456	1.032
AMAPÁ	168	50	995	-	520	1.733
MARANHÃO	1.493	191	2.178	-	674	4.536
TOCANTINS	745	288	46	-	393	1.472
MATO GROSSO	5.727	1.786	3.078	-	1.659	12.250
PARÁ	2.976	3.844	14.771	2.530	2.224	26.345
TOTAL	11.508	6.431	60.590	3.485	8.479	90.493

Fonte: SUDAM/Pesquisa de Campo/Avaliação da Política de Investimentos

Obs: Os dados acima referem-se a informações atuais (até dezembro/1985) prestadas por 630 projetos dos 959 pesquisados.

Uma primeira, e talvez imprecisa, avaliação conduz à conclusão de um dado, o volume de investimentos aplicados pelos projetos aprovados pela SUDAM (959), no valor equivalente a Us\$3.7 bilhões, a geração de 90.493 empregos (número referente a 630 projetos apenas) foi pequena, eis que a relação investimento/mão-de-obra foi de Us\$41.360 de capital para cada emprego gerado, um índice per-capita bastante alto para o país e para a região.

Deveros acrescentar que a maior parcela dos empregos criados deve-se ao setor industrial da Zona Franca de Manaus, que comparece nessa avaliação da SUDAM, com 39.022 empregos (42.665 para todo o Estado do Amazonas). No Pará, a criação de empregos foi de apenas 26.345 empregos totais, sendo que destes 14.771 no setor industrial e 2.976 no segmento agro-pecuário. Como no Pará foram investidos Us\$1,5 bilhão, a relação é Us\$56.936 por emprego.

No Estado de Mato Grosso, o maior beneficiário dos investimentos agro-pecuários - Us\$351,7 milhões - geraram 5.727 empregos, ou Us\$61.410 per-capita. É de justiça informar que estamos falando de investimento total /Finam/Recursos próprios/Outros). Caso consideremos, apenas, a colaboração financeira do FINAM (art.17/18) de Us\$217,6 milhões, aí então o balanço terá sido altamen-

te positivo, pois com esse investimento teria induzido a criação de 90.493 empregos, numa baixa relação de Us\$2.404 per capita. Isto indicaria que recursos próprios e outros apresentados nos projetos podem ter sido super-valorizados para poder justificar a obtenção dos recursos do FINAM.

Seria interessante fazer uma avaliação da geração de emprego nos dois órgãos de desenvolvimento regional: SUDAM e SUFRAMA. Esta última, na sua última avaliação de setembro/1988, informa que os 346 projetos implantados e em funcionamento, contavam com 72.011 empregados, sendo que apenas no Distrito Industrial de Manaus havia 44.713 assalariados. Por isso, somos levados a crer que a avaliação da SUDAM dos investimentos deve ter sido sobrestimada em termos de OTN (3.742.804 OTN), pois no documento sob exame, não descreve a metodologia usada para calcular a conversão dos cruzeiros velhos e novos e dos cruzados velhos e novos para as Obrigações do Tesouro Nacional (OTN).

Reconheço bem as dificuldades de toda a avaliação, sobretudo quando, pela primeira vez, e de modo elogiável, se faz na SUDAM um balanço para a avaliação da política de incentivos fiscais do FINAM, abrangendo um período de tempo de 15 anos, desde a edição do Dec-lei 1376/1974. Os investimentos também, na área da SUFRAMA, padecem da mesma dificuldade de avaliação de suas séries históricas, pois todos os investimentos vem sendo acumulados em termos nominais, de cruzeiros/cruzados, o que torna impossível a quantificação do real investimento feito, à falta de um índice de correção ou de um referencial de moeda constante.

Os incentivos fiscais da SUDAM, apesar das construtivas críticas acima mencionadas, tiveram e tem desempenhado um alto valor de atração e indução de investimentos. Os quadros referenciais do desempenho da economia, nesta última década, bem demonstram a eficácia e validade dos incentivos SUDAM/SUFRAMA, conforme demonstram todos os quadros econômicos aqui inseridos.